

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

APLICADAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELIANA MARIA OLIGURSKI

**A POSSIBILIDADE DE INCORPORAR A PESQUISA
NA PRÁTICA COTIDIANA DO PROFESSOR DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

CAMPINAS

2009

ELIANA MARIA OLIGURSKI

**A POSSIBILIDADE DE INCORPORAR A PESQUISA
NA PRÁTICA COTIDIANA DO PROFESSOR DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação na área de Educação, do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Graziela Giusti Pachane.

PUC-CAMPINAS

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientadora: Prof^a Dr^a Graziela Giusti Pachane

1º Examinador: Prof^a Dr^a Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da Rocha – PUC

2º Examinador: Prof. Dr. Dario Fiorentini - UNICAMP

3º Examinador: Prof. Dr. Jairo de Araújo Lopes – PUC

Membro Suplente: Prof. Dr. José Carlos Souza Araújo – UFU

Campinas, 24 de fevereiro de 2009.

*Dedico este trabalho aos professores e alunos
cujas histórias de vida atravessam e re-significam
a minha própria história.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida!

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES/PROSUP, pela concessão de bolsa para realização do Curso de Mestrado.

À Professora Graziela, pela ética, dignidade, incentivo, amizade, pela direção segura nesta trajetória, pela presença.

À Professora Menga Lüdke, pela sabedoria.

Ao professor Dario Fiorentini, pelas contribuições.

À Professora Maria Rosa, pela esperança.

À Professora Maria Eugênia, pela confiança.

Às professoras e professor do Mestrado em Educação da PUC-Campinas, pelos ensinamentos.

Aos amigos do curso, pelos encontros marcantes.

Aos funcionários do Laboratório de Informática, em especial ao Rafael.

Aos funcionários da Biblioteca e Secretaria da Pós-Graduação da PUC-Campinas, pelo atendimento sempre cordial e solícito.

Às amigas: Lena, Jurema, Areta, Aline, Vânia, Carlinha, Sueli, Rafaela, Isabel, Márcia, Lili, Carmem, Liacélia, Ivaniza, Mac, pelo carinho.

À Mercedes, João Roberto, Dinah, Maria José, toda minha saudade...

Aos meus pais, pelo exemplo de fé e trabalho.

À Elianinha e ao Estevinho, minha vida.

*“Tudo no mundo está dando
respostas, o que demora é o
tempo das perguntas”.*

Saramago

RESUMO

OLIGURSKI, Eliana Maria. *A possibilidade de incorporar a pesquisa na prática cotidiana do professor do ensino fundamental*. 2009. Dissertação – Mestrado em Educação – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campinas, 2009.

Esta pesquisa tem como objetivo verificar a possível articulação entre ensino e pesquisa na prática pedagógica do professor da educação básica. O estudo foi realizado em uma escola da Rede Municipal de Campinas-SP, com alunos e professores das séries iniciais do ensino fundamental, a partir da análise de documentos, como o Projeto Político Pedagógico da Escola, e de trabalhos produzidos pelos estudantes. Foram também realizadas entrevistas e questionários para análise das concepções de pesquisa destes professores e alunos. Os resultados apontam que é possível desenvolver na escola básica uma prática pedagógica que articule ensino e pesquisa, tornando esta última uma fonte catalizadora de desenvolvimento integral e intelectual dos alunos, bem como de integração entre escola e comunidade. Para tal, no entanto, é de fundamental importância que a escola, e o sistema educativo como um todo, ofereçam condições para que propostas como as analisadas no presente estudo possam ser efetivadas.

Palavras-chave: Educação básica, pesquisa educacional, ensino e aprendizagem.

ABSTRACT

This research aims to verify the possible link between teaching and research in teacher's work in basic education. The research was conducted in a Municipal Elementary School in the city of Campinas, with teachers and students of the first years of Elementary School. We analyzed documents, as the Pedagogical Project of the school and texts presented by students, and also interviewed students and teachers in order to clarify their conceptions of research. The results of this research point out that it is possible to develop a pedagogical practice in Elementary School articulating teaching and research, and taking research as a way to promote intellectual and integral development of students, as well as integration between school and its community. Nevertheless, to achieve this objective, it is necessary that the school, and the educational system as a whole, offer conditions for projects like the one exposed in this study to achieve success.

Key-words: *Basic education, educational research, learning and teaching.*

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Mapa da região da escola	27
FIGURA 2	Croqui da área total da escola	34
FIGURA 3	Aula ao ar livre	46
FIGURA 4	Contradição	46
FIGURA 5	Pais e alunos ao ar livre	47
FIGURA 6	De onde viemos?	52
FIGURA 7	Quem sou eu?	53
FIGURA 8	Entrevista	58
FIGURA 9	Bairros pesquisados pelos alunos	59
FIGURA 10	Bairro legalizado	60
FIGURA 11	Bairro não legalizado	62
FIGURA 12	Respostas dos alunos sobre o conceito de pesquisa	70
FIGURA 13	Relato: usos da matemática	71
FIGURA 14	Respostas dos alunos sobre matemática	72
FIGURA 15	Lista de compras dos alunos	75
FIGURA 16	Pesquisa de opinião – cesta básica	76
FIGURA 17	ETMÁTICO	79
FIGURA 18	A tribuna	90
FIGURA 19	A tribuna: um espaço democrático	92

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Horário de funcionamento da escola	30
TABELA 2	Horário dos cursos	31
TABELA 3	Condições de moradia dos alunos	38
TABELA 4	Comparativo entre renda familiar - manhã e tarde	39

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Origem étnica dos alunos – período da manhã	36
GRÁFICO 2	Origem étnica dos alunos – período da tarde	37
GRÁFICO 3	Fontes de informação	40
GRÁFICO 4	Nível de escolaridade dos pais dos alunos	41
GRÁFICO 5	Nível de escolaridade das mães dos alunos	41
GRÁFICO 6	Pesquisa do 1º documento	50
GRÁFICO 7	A matemática e a Identidade	51
GRÁFICO 8	Disciplinas favoritas dos alunos	72
GRÁFICO 9	Atividades preferidas dos alunos	73
GRÁFICO 10	Usos da matemática fora da escola	73
GRÁFICO 11	Locais de uso da matemática	74
GRÁFICO 12	Custo da cesta básica	77
GRÁFICO 13	Alunos que têm cesta básica	77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 CAMINHOS TEÓRICOS	5
2 DA TRAJETÓRIA AO ENCONTRO	16
2.1 Resultados do Projeto Piloto	19
2.2 Contextualização da escola	20
3 UMA EXPERIÊNCIA EMBLEMÁTICA	
3.1 Caracterização da escola	26
3.2 Horário de funcionamento	29
3.3 Recursos físicos e materiais	33
3.4 Caracterização dos alunos	35
3.5 Recursos humanos	42
3.6 Parcerias	42
4 “DE ENCONTRO” ou “AO ENCONTRO”: MAIS QUE UMA QUESTÃO GRAMATICAL...	48
4.1 Estudos do Meio	54
4.2 Inserção no projeto “Ciência na Escola” – Primeiros Passos	68
4.3 “Tribuna”	88
4.4 Perfil dos alunos	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
ANEXOS	111
ANEXO 1	112
ANEXO 2	114
ANEXO 3	116
ANEXO 4	118
ANEXO 5	121
ANEXO 6	127
ANEXO 7	130
ANEXO 8	135

INTRODUÇÃO

Já se tornou lugar-comum afirmar que a escola pública “não vai bem” e precisa ser mudada. Sobre esta necessária transformação, entretanto, vale reafirmar que melhorias que se efetuem de modo simplista, alterando apenas suas condições materiais (instalações, equipamentos, material didático, merenda, etc.), propondo reformas curriculares ou o aprimoramento da formação docente, isoladamente, não constituem, de modo algum, o principal passo a ser dado para o alcance da qualidade esperada.

Apesar dos fatores conjunturais–econômicos, defendemos aqui a possibilidade da construção de uma escola de qualidade que assegure a permanência dos alunos e os instrumentalize a compreender e interferir no mundo que os cerca.

A proposta deste estudo teve início com o trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido na Graduação, em que busquei compreender a prática pedagógica dos professores do Ensino Fundamental, nos anos iniciais, e a minha prática como docente nessa mesma etapa de ensino. Ao retomar as leituras do TCC, comecei a questionar sobre as respostas simplistas obtidas com o emprego indiscriminado do termo “pesquisa”.

A intenção desse estudo está, portanto, assentada no pressuposto de que a aprendizagem pela pesquisa seria um importante instrumento referencial para a superação da aceitação acrítica da realidade, bem como para a solução de problemas postos, o que poderia resultar em melhores condições de vida para os estudantes e suas comunidades.

Destaco, aqui, que os artigos trazidos pelo *Cadernos de Pesquisa* nº125, de 2005, sobre pesquisa e formação docente, organizados pela pesquisadora Menga Lüdke, onde se encontram análises de pesquisadores nacionais e internacionais abordando a complexidade da relação do professor da escola básica com a pesquisa, assim como o aprofundamento de diferentes aspectos em

sua defesa e na direção de preservar o rigor e exigências necessárias a uma pesquisa científica, foram fundamentais na nossa reflexão.

Diante de uma preocupação com a educação humanista e uma necessidade de discutir as questões da prática cotidiana vinculada à análise histórico-social da escola e sua função político-social, o problema que me estimulou a desenvolver este estudo é verificar a presença ou não da pesquisa como estratégia na prática cotidiana do professor das séries iniciais do ensino fundamental, tendo em vista que o que muitas vezes ainda se vê na escola é uma pedagogia tradicional (pedagogia bancária, nos dizeres de Paulo Freire) caracterizada pela passividade, transmissão de conteúdos, memorização, verbalismo, etc.

Esta pesquisa tem como objetivo, portanto, discutir a possível articulação entre ensino e pesquisa no trabalho do professor da educação básica.

Para tanto seus objetivos específicos são:

- Trazer à tona as concepções que professores e alunos têm de pesquisa.
- Analisar os trabalhos que realizam sob essa designação.
- Identificar as condições encontradas na escola para o desenvolvimento das atividades esperadas do professor que educa a partir da pesquisa.

Assim, tendo por base esta proposta, buscamos realizar o trabalho a partir de uma perspectiva crítica da educação e, numa primeira aproximação do cotidiano escolar, encontramos um “exemplo equivocado” do que seja trabalhar com pesquisa na escola. Isso nos levou a outro movimento, a procura de uma segunda escola, de um trabalho diferenciado, em busca de práticas que demonstrassem que uma outra concepção de educação e de pesquisa na escola é possível.

Assim, na busca de atender a nossos objetivos, o presente trabalho está organizado em cinco capítulos.

No Capítulo 1, abordaremos os *Caminhos Teóricos* seguidos na elaboração desta pesquisa, não apenas no intuito de esclarecer as reflexões que nos levaram à consolidação do tema estudado, mas também, no de fornecer referências teóricas possibilitadoras de embates posteriores.

No Capítulo 2, intitulado *Da Trajetória ao Encontro*, tratamos da trajetória metodológica que percorremos, tendo como foco o estudo de caso numa abordagem descritivo-exploratória, apresentamos as técnicas seguidas na elaboração do trabalho, consideradas de fundamental importância para a compreensão do modo como olhamos para nosso objeto e, conseqüentemente, das interpretações propostas. Neste capítulo, tratamos ainda da necessidade de mudança de rumos de nossa pesquisa, a fim de encontrar respostas a nossos questionamentos e, por que não dizer, angústias.

No Capítulo 3, *Uma experiência emblemática*, apresentamos a escola em que a pesquisa foi realizada, dividindo-a em seis momentos: o primeiro apresenta o contexto em que esta escola está inserida; o segundo apresenta seu horário de funcionamento; o terceiro, os recursos físicos e materiais desta escola; o quarto apresenta a caracterização dos alunos dentro deste contexto em que a escola se insere; o quinto, os recursos humanos e o último, as parcerias mantidas por esta escola.

No Capítulo 4, *“De encontro” ou “Ao Encontro”: Mais que uma questão gramatical...*, buscamos compreender a experiência vivida pelos professores e alunos desta escola salientando possíveis conflitos esboçados por mudanças vividas no interior da escola, bem como na região onde localiza, e o caminho para a conciliação, aproximação, para o entendimento, a partir da “intervenção” das professoras na formação de seus alunos, e seu papel na construção das relações no bairro, pela via mediadora da pesquisa. Neste capítulo, apresentamos ainda os passos iniciais do trabalho com pesquisa na escola, suas origens, motivações e resultados, destacando, entre eles, a inserção no projeto “Ciência na Escola – Primeiros Passos” e o trabalho atualmente feito com a “Tribuna”.

Finalmente, nas Considerações Finais, discutimos os resultados da pesquisa, destacando os ensinamentos que esta experiência nos deixa a respeito do papel da escola, do professor, das opções políticas e metodológicas do trabalho da escola.

1. CAMINHOS TEÓRICOS

Costuma-se entender por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade:

Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem por objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos quando não se dispõe de informação suficiente para responder aos problemas, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema (GIL, 2002, p.17).

Na área da educação, a pesquisa alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Nessa perspectiva Minayo (1994) observa que: “nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática”. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas, são frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos.

A articulação entre ensino e pesquisa na formação inicial e continuada do professor da educação básica é algo que há algum tempo tem sido abordado na literatura acadêmica, Stenhouse (1975), Elliot (1989), Zeichener (1998), Schön(1992), Lüdke (2001), entre outros, porém, pouco ainda tem sido discutido sobre a pesquisa como princípio educativo na educação básica.

Porém, ao tratarmos da introdução da pesquisa no trabalho com os alunos das primeiras séries iniciais da escola básica, uma outra abordagem do termo faz necessária. Demo (1997) afirma que o questionamento reconstrutivo pode ser trabalhado tanto como atividade específica quanto como atitude cotidiana. Para o autor,

A pesquisa inclui sempre a percepção emancipatória do sujeito que busca fazer e fazer-se oportunidade, à medida que começa a se reconstituir pelo questionamento sistemático da realidade, incluindo a prática como componente necessário da teoria e vice-versa, englobando a ética dos fins e valores (DEMO, 1997, p. 8).

Com base nas idéias do autor, a pesquisa é vista sob dupla face, complementares, uma como **princípio científico** e outra como **princípio educativo**.

No espaço do trabalho na educação básica prepondera a segunda face, porque não está em jogo produzir ciência propriamente, mas construir a metodologia do “aprender a aprender”.

O autor procura fundamentar uma proposta de teoria e prática de pesquisa que ultrapasse os muros da academia e da sofisticação instrumental, reforçando a investigação enquanto descoberta, criação e diálogo,

O autor, assim, contrapõe-se à ditadura exclusiva do professor-ensina-e-o-aluno-aprende, pois esta tende a reduzir os alunos a meros objetos e exalta o professor como autoridade acabada. Sem desfazer dos momentos em que cabe o “aprender”, no sentido de internalizar os conhecimentos sistematizados pela humanidade, o contexto deve sempre ser o do “aprender a aprender”, base da autonomia emancipatória.

A presente pesquisa estará baseada, entre outros autores, em Mello (1982) e Saviani (1980), ambos apoiados no pensamento de Gramsci, indicando a importância de uma educação voltada aos interesses da classe trabalhadora, em que se supera a visão de instrumento de reprodução elevando-se a educação a instrumento de luta para as camadas subalternas.

Nessa perspectiva, Giroux (1997) defende que uma forma de repensar e reestruturar a natureza da atividade docente é encarar os professores como intelectuais transformadores, nesse sentido, essa categoria de intelectual é útil de diversas maneiras: primeiro, ela oferece uma base teórica para a atividade docente, em segundo lugar, esclarece os tipos de condições ideológicas e práticas necessárias para que os professores funcionem como intelectuais, em

terceiro lugar, ela ajuda a esclarecer o papel que os professores desempenham na produção e legitimação de interesses políticos, econômicos e sociais variados através das pedagogias por eles endossadas e utilizadas.

Nesse sentido Giroux (1997) rejeita a tentativa de redução dos professores a meros técnicos, preparados para executar as idéias pensadas por outros ou simplesmente preocupados com as melhores maneiras de transmitir um “dado” corpo de conhecimento. Ao contrário, como intelectuais transformadores, os professores devem “exercer ativamente a responsabilidade de propor questões sérias a respeito do que eles próprios ensinam, sobre a forma como devem ensiná-lo e sobre os objetivos gerais que perseguem” (p.159). Mesmo os estudantes, futuros professores, deveriam, segundo o autor, “aprender a formular questões sobre os princípios subjacentes aos diferentes métodos pedagógicos, às temáticas de investigação e às teorias educativas” em lugar de concentrar-se no como ensinar e que livro usar (p. 161).

Giroux (1997) acredita que para que a pedagogia crítica se torne realizável, é preciso dois elementos: entender as escolas como “esferas públicas democráticas”, ou seja, “considerar as escolas como locais democráticos dedicados a formas de fortalecer o *self* e o social” e entender os professores como “intelectuais transformadores”:

Com uma linguagem política, as escolas são então defendidas como instituições que fornecem as condições ideológicas e materiais necessárias para a educação dos cidadãos na dinâmica da alfabetização crítica e coragem cívica, e estas constituem a base para seu funcionamento como cidadãos ativos em uma sociedade democrática (Giroux, 1997, p.28).

Ocorre que, historicamente, o professor da escola básica não tem se compreendido como um profissional construtor de saberes a partir de sua prática, mas como um reprodutor/executor do que, por outrem, é apresentado como melhor ao consumo. O professor fica, então, preso às idéias de um livro didático, a um novo modismo, aos manuais de orientação pedagógica, facilitadores de seu trabalho, situação que, em muitos casos, é reforçada pelas políticas públicas

relativas à educação e pelas práticas ocorridas nos cursos de formação de professores.

Julga-se, nesse sentido, a ausência de canais que viabilizem uma relação mais estreita entre quem produz conhecimento e os divulga, e os professores, ou, mais ainda, no sentido de possibilitar que o professor seja ele mesmo produtor e divulgador de novos conhecimentos.

Supor que o professor é mero executor de propostas teóricas, significa, nesses termos, negar a *práxis* e incapacitá-lo a entender a dimensão da Educação como uma prática de liberdade humana, no sentido atribuído por Freire (1989), de uma educação para o “homem-sujeito”, para um homem que não está *no* mundo, mas *com* o mundo (p.39). O professor executor de teorias-receitas, porque alienado de sua condição pensante, não pode tornar-se educador-sujeito/agente da História/educador-de-sujeitos. A condição que assume, fetichizada pela receita pronta a ser mastigada em sua sala de aula, é a do educador-objeto/reprodutor da História/educador-de-homens-objetos.

Nessa perspectiva, ressalta Freire (1989, p. 94-95) que “nada ou quase nada existe em nossa educação que desenvolva no nosso estudante “o gosto da pesquisa, da constatação, da revisão dos achados”:

Um dos grandes problemas da educação brasileira é a falta de vínculo com a vida.

Não há nem jamais houve prática educativa em espaço tempo nenhum de tal maneira neutra, comprometida apenas com idéias preponderantemente abstratas e intocáveis. Insistir nisso e convencer ou tentar convencer os incautos de que essa é a verdade é uma prática política indiscutível com que se pretende amaciar a possível rebeldia dos injustiçados. Tal política quanto a outra, a que não esconde, pelo contrário, proclama, sua politicidade (FREIRE, 1979, p. 78)

Com efeito, a concepção tradicional da educação vê os professores como técnicos, ou melhor, apenas transmissores de conteúdos (os especialistas pensam por eles; os executores de planos de ensino, leis e projetos definidos pela

burocracia e políticos. Nessa concepção, os problemas de caráter pedagógico-político são reduzidos ao caráter administrativo.

A pedagogia crítica enfatiza a conexão entre valores e fatos, além disso, concebe a escola como local não apenas voltado à instrução, como era na visão de mundo dos tradicionalistas, mas também, como local de reflexão, problematização, crítica e autocrítica, é local político e cultura (GIROUX, 1997).

Tornar o político mais pedagógico significa utilizar formas de pedagogia que incorporem interesses políticos que tenham natureza emancipadora; isto é, utilizar formas de pedagogia que tratem os estudantes como agentes críticos; tornar o conhecimento problemático; utilizar o diálogo crítico e afirmativo; e argumentar em prol de um mundo qualitativamente melhor para todas as pessoas. (p. 163)

Freire, na defesa de uma educação crítica e problematizadora, ressalta as potencialidades de limitação e desafio representadas pelo “aqui e agora” dos homens no mundo; é por isso que o “já-concreto” é tão importante como ponto de partida das reflexões na Educação (1980, p. 82).

O diálogo, segundo Freire, “é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso humanizar” (1980, p. 83). Por isso, a relação dialógica opõe-se aos métodos bancários que supõem acabamento da realidade e dos homens e mero consumo de idéias de uns pelos outros. A essência dos pressupostos é problematizadora, portanto, afina-se à formação crítica suscitando “um movimento que compromete os homens como seres conscientes de sua limitação, movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo” (FREIRE, 1980, p. 82). Freire (1980) afirma que não se pode dicotomizar diálogo e ação revolucionária: o primeiro é a essência do segundo; não há etapa para um e para outro (p. 84). O método dialógico é, pois um método revolucionário na medida em que intenciona o desvelar da realidade para promover a emancipação humana. “O método é a forma externa da consciência que se manifesta por atos, que adquire

a propriedade fundamental da consciência: sua intencionalidade”. (FREIRE, 1980, p.86).

Freire afirma a necessidade da problematização perante os temas e tarefas que se impõem ao homem em sua época. Diz ele:

[...] saliente-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude de simples ajustamento ou acomodação, aprendendo temas e tarefas de sua época. Esta, por outro lado, se realiza a proporção em que seus temas são captados e suas tarefas resolvidas. E se supera na medida em que temas e tarefas já não correspondem a novos anseios emergentes, que exigem, inclusive, uma visão nova dos velhos temas. [...] sua humanização ou desumanização, sua afirmação como “sujeito” ou sua minimização como “objeto”, dependem, em grande parte, de sua captação ou não desses temas. (1989, p. 44).

É necessário considerar que a pesquisa, compreendida como princípio educativo para a educação básica, não busca a construção de conhecimentos “novos” para a ciência, para uma área do conhecimento, mas sim, conhecimentos novos para aquele estudante que, por meio da atitude investigativa, (re)constrói caminhos de descoberta de conhecimentos que já fazem parte do arcabouço acumulado pelas gerações que o antecederam. Ou mesmo busca respostas a indagações dos alunos, a conhecimentos que ainda não foram sistematizados, embora não pertençam diretamente ao campo da ciência (como a “enquête” que alunos e professoras fizeram no bairro que iremos apresentar neste trabalho), não é “recaminhar” pelo conhecimento, mas é conhecimento novo, só que não de interesse científico, embora de interesse do grupo).

Assim, quer sejamos professores ou alunos, ao adotarmos uma atitude investigativa perante o conhecimento, possivelmente sofreremos transformações em nossa relação com o processo e com o produto do mesmo.

No intuito de melhor compreender este objeto de pesquisa, Pedro Demo, na primeira parte de sua obra “Educar pela pesquisa”, aborda a questão da pesquisa tanto na universidade quanto na escola fundamental. Nesta, o seu

enfoque recai sobre a pesquisa do professor e do aluno. Segundo o autor, a base para a pesquisa tanto do professor quanto do aluno pauta-se por pelo menos quatro pressupostos cruciais:

- a convicção de que a educação pela pesquisa é a especificidade mais própria da educação escolar e acadêmica;
- o reconhecimento de que o questionamento reconstrutivo com qualidade formal e política é o cerne do processo de pesquisa;
- a necessidade de fazer da pesquisa atitude cotidiana no professor e no aluno;
- a definição de educação como processo de formação da competência histórica e humana (DEMO, 1997, p.7).

Sob essa ótica, o aluno deixa de ser mero objeto do ensino ministrado pelo professor para se constituir em parceiro de trabalho do mesmo na busca de solução para os problemas reais por meio de questionamento reconstrutivo.

Nessa abordagem, a pesquisa deve se constituir em atitude cotidiana, tendo como eixo norteador o questionamento reconstrutivo que implica a construção da competência como atitude da cidadania, a formação do sujeito consciente e organizado, comprometido com a história do seu tempo.

O ensino por meio da pesquisa requer a interpretação, que por sua vez inicia a elaboração própria, pois,

Uma coisa é manejar textos, copiá-los, decorá-los, reproduzi-los. Outra é interpretá-los com alguma autonomia, para saber fazê-los e refazê-los. Na primeira condição, o aluno ainda é objeto de ensino. Na segunda, começa a despontar o sujeito com proposta própria (DEMO, 1997, p. 23).

Ainda de acordo com o autor, dessa forma, esta postura de ensino deveria ser desenvolvida da educação infantil à Universidade, pois pela pesquisa, o professor envolve os alunos através dos passos fundamentais da investigação: a

dúvida alimentará a pesquisa de hipóteses alternativas de explicação e de superação de paradigmas.

Sobre a pesquisa, ainda é possível salientarmos dois aspectos distintos: a pesquisa como caminho para novos conhecimentos – mesmo que sejam novos apenas para o estudante que o (re)constrói – e a pesquisa como uma possibilidade de resposta a problemas postos.

Nesse sentido, a pesquisa na escola pode não só preparar o estudante para uma atitude investigativa, de curiosidade, de questionamento, de compreensão, de “processo”, mas também, através da pesquisa, a escola pode inserir-se na sociedade e, pelo trabalho do aluno, auxiliar a resolver problemas da comunidade na qual está inserida.

Essa preocupação está assentada no pressuposto de que a pesquisa seria um importante instrumento referencial para a criação e superação dos problemas da realidade, o que poderia resultar em melhores condições de vida.

Compreendemos que a pesquisa não se realiza numa “estratosfera” situada acima de atividades comuns e correntes do ser humano, ao contrário, situa-se bem dentro das atividades normais do professor, tornando-se um instrumento de enriquecimento do seu trabalho. Para isso é necessário desmistificarmos o conceito que a encara como privilégio de alguns seres dotados de poderes especiais, assim como é preciso entendê-la como atividade que requer habilidades e conhecimentos específicos.

É igualmente importante lembrarmos que, como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador. Assim, a sua visão de mundo, os pontos de partida, os fundamentos para a compreensão e explicação desse mundo irão influenciar a maneira como ele propõe suas pesquisa ou, em outras palavras, os pressupostos que orientam seus pensamentos vão também nortear sua abordagem de pesquisa.

Como salienta Marafon (2001, p.126):

Aprender a pesquisar é fazer a suspeita crítica e se lançar na busca de respostas. São estas posturas que devem ser estimuladas e ensinadas na escola. Ao invés de bloquear no aluno sua capacidade de perguntar, é necessário estimular essa capacidade e favorecer os meios para caminhar na descoberta das respostas.

Nessa perspectiva, percebemos que a pesquisa deve ser entendida não como um trabalho maçante ou como uma cópia de trechos de livros e enciclopédias – ou, com o advento do computador, com o uso indiscriminado do “CTRL C + CTRL V” –, mas como uma atividade básica no processo de apropriação dos conhecimentos escolares, pois, por meio dela, busca-se oferecer o acesso ao conhecimento historicamente acumulado. Por meio da pesquisa, o ensino e aprendizagem podem ser pensados além de um conjunto de conhecimentos sistematizados e apresentados por meio de livros didáticos que, muitas vezes, desconsideram o contexto escolar dos alunos.

A pesquisa é muito importante, pois coloca o aluno em contato com os mais diversos materiais e recursos, tais como jornais, revistas, internet, almanaques, livros, documentos, entrevistas e textos outros possíveis de utilizar.

De acordo com Marco Bagno (1998), a pesquisa faz parte do nosso cotidiano, está presente em diversos momentos do cotidiano. Nesse sentido, o autor aponta para o conceito de pesquisa, começando pela própria palavra:

Pesquisa é uma palavra que nos veio do espanhol. Este por sua vez herdou-a do latim. Havia em latim o verbo *perquire*, que significava “procurar, buscar com cuidado; procurar por toda parte; informar-se; inquirir; perguntar; indagar bem, aprofundar na busca”. Nada a ver, portanto, com trabalhos superficiais, feitos só para “dar nota”.

Quando se pensa em curiosidade se pensa logo em pergunta. Mas não se pode reduzir o trabalho pedagógico a questionamentos mal elaborados e sem objetivos, porque dessa forma, não se chega a lugar algum. A esse respeito, Paulo Freire considera que:

O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser. Um ruído, por exemplo, pode provocar minha curiosidade. Observo o espaço onde parece que se está verificando. Aguço o ouvido. Procuro comparar com outro ruído cuja razão de ser já conheço. Investigo melhor o espaço. Admito hipótese várias em torno da possível origem do ruído. Elimino algumas até que chegue a sua explicação (1999, p.98).

É necessário, portanto, desmistificarmos o conceito criado em torno da palavra pesquisa e ressignificá-lo para reconsiderar esta prática educativa que está muito além do que vem acontecendo.

Tem-se observado que nos últimos anos, a palavra pesquisa faz parte de inúmeras publicações, planejamentos em educação e noutras áreas.

Múltiplas são também as interpretações e encaminhamentos que a partir dela se desenrolam. Em sala de aula, não haveria de ser diferente: o professor relaciona pesquisar com consultar algumas ou apenas uma obra, recortar de jornais e revistas alguma matéria que se reduz a compor um trabalho que é lido, avaliado e devolvido ao aluno com uma nota ou conceito.

Embora esses tipos de atividades sejam movimentos em busca de informação e conhecimento, caminham longe do conceito de pesquisa.

Ainda de acordo com os autores estudados (Lüdke, 2001; Freire, 1999 e Demo, 1997, entre outros), há um erro conceitual que atrapalha na formação de alunos pesquisadores, pois “paira no ar” uma idéia monótona e cansativa de dar conta de uma tarefa com fim em si mesma, sem provocar o aprender a confrontar, comparar, levantar hipóteses, estabelecer relações, transpor conhecimentos para

outras situações, outras disciplinas, e mais ainda, não responde às questões: para quê e por quê pesquisar?

Há de se ter sensibilidade para despertar o interesse do aluno para a pesquisa, fazendo um recorte da realidade plural, contraditória, “caleidoscópica” e optar por um tema que reúna condições para o pensar, o agir com autonomia de pensamento, autoria de criação ou a própria re(construção) do conhecimento acumulado ao longo da história.

Uma concepção de pesquisa que seja utilizada na educação básica como um recurso de ensino e aprendizagem, com o professor construindo, garimpando instrumentos e abrindo frentes em “sintonia” com os desejos e curiosidades dos alunos.

Nesse sentido, todos seremos pesquisadores, professores e alunos, desmistificando o conceito de que só algumas mentes privilegiadas, dotadas de habilidades e competências extraordinárias se dedicam à prática da pesquisa.

É necessário que haja um produto final com um fim específico, que garanta a intencionalidade de todo o processo de pesquisa, ou seja, que exista aplicabilidade e que não se encerre nas mãos do professor para receber um conceito apenas.

Entende-se que a pesquisa pode representar um componente a mais na formação do professor. Ela pode conferir ao professor uma ótima condição para o exercício de uma atividade criativa e crítica, onde há o questionamento, mas também, a indicação de soluções para os problemas investigados.

Com Giroux, reivindicamos: “A natureza de tal tarefa pode parecer utópica, mas o que está em jogo é valioso demais para ignorar-se tal desafio” (1997, p. 220).

Assim, não se constituir em um sujeito acrítico, tornar a aprendizagem mais significativa e mais prazerosa, resolver problemas cotidianos e devolver ao professor a autonomia de seu fazer pedagógico são alguns dos aspectos que nos levam a argumentar pela importância da investigação aqui proposta.

2. Da “TRAJETÓRIA” ao “ENCONTRO”

Entendemos, com Thiollent (1984, p. 46), que a Metodologia “não consiste num pequeno número de regras”, mas, ao contrário, configura-se como um amplo conjunto de conhecimentos com o qual o pesquisador procura encontrar subsídios para nortear suas pesquisas e que, no decorrer de um estudo, as escolhas metodológicas devem ser efetuadas em função dos objetivos das pesquisas e das características das instituições, num imbricamento profundo.

Nesse sentido, ao delimitarmos nosso objeto de pesquisa foi necessário um estudo do caminho a ser seguido, pois os métodos de pesquisa determinam o que veremos, já que “cada método traça um caminho diferente e revela diferentes relações” (SELLTIZ et al., 1987, vol. 1, p.1).

Tomando por base a conceituação de Gil (2002, p. 42) a respeito das possíveis formas de delineamento de estudos em Ciências Sociais, constatamos que este estudo, por se tratar de uma experiência emblemática, bem como pela falta de referência teórica nesta temática - e mesmo de outras pesquisas que apresentem experiências semelhantes - constatamos que este trabalho se constituiria a partir das características de um estudo descritivo-exploratório.

Esta ligação é possível, pois como exposto por Gil (2002), algumas pesquisas, apesar de vinculadas a uma tendência, apresentam características que as aproximam de outra:

“Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação. Neste caso tem-se uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa. Por outro lado, há pesquisas que, embora definidas como descritivas a partir de seus objetivos, acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias” (p.42).

Acreditamos, portanto, na importância de expor o caminho seguido na realização do trabalho visto que a compreensão de nossos questionamentos e das respostas dadas a eles (ainda que provisórias), somente é possível a partir da compreensão do modo como olhamos para o nosso objeto.

Ao buscar conhecer a possibilidade de incorporar a pesquisa na prática cotidiana dos professores das séries iniciais do ensino fundamental, nosso trabalho se aproxima de um delineamento descritivo, pois, como definido por Gil (2002, p. 42), as pesquisas de cunho descritivo têm como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou ainda, o estabelecimento de relações entre as variáveis.

Segundo o autor, os estudos exploratórios são aqueles que têm como principal finalidade, desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, visando a formulação de problemas mais específicos e hipóteses a serem pesquisadas em estudos posteriores, podendo, ainda se constituir numa primeira etapa de uma investigação mais ampla, de cunho descritivo ou explicativo (p. 42).

Acreditemos que nossos resultados ofereçam subsídios para um estudo de cunho explicativo, compreendido por Gil (2002, p. 42) como aquele cuja preocupação central é “identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos”. Entretanto, devido à complexidade do tema abordado e às limitações estabelecidas para o presente trabalho, não ambicionamos chegar a esta profundidade de análise, visto que os estudos explicativos são considerados como o tipo mais complexo e delicado de pesquisa, muitas vezes delineados a partir de estudos exploratórios e descritivos anteriores.

Nossa perspectiva inicial de trabalho previu que a coleta de dados seria por meio de análise documental, questionário, observação e entrevistas, quando estas se fizessem necessárias.

O estudo compreenderia, ainda, a análise de dados empíricos levantados junto aos professores mediante questionário, diário de campo da pesquisadora, textos e relatórios de pesquisa de alunos da escola pesquisada.

A fim de viabilizarmos a condução da pesquisa, realizamos a aplicação de um questionário piloto para professores e alunos na primeira escola pesquisada, com intuito de testagem e validação do instrumento de coleta de dados.

Revisitamos as literaturas que embasavam este estudo (Demo, Bagno, Lüdke, Giroux) e percebemos que esta escola não trazia respostas para os nossos questionamentos e, praticamente, levantamento inicial efetivado demonstrava que não havia pesquisa nesta escola, pelo menos no sentido em que estamos abordando pesquisa no presente estudo. Ao contrário, pudemos observar que o trabalho realizado na escola sob esta denominação configurava exatamente o que não é pesquisa...

Não contentes com a constatação da dificuldade de utilização da pesquisa como princípio educativo na educação básica, instigados pelos questionamentos da banca examinadora do Exame de Qualificação, e motivados por nossas próprias angústias em relação ao tema, fomos em busca de outras experiências de pesquisa na educação básica.

O caminho foi aberto pelo contato com uma antiga colega de trabalho. Por meio dela, tomamos conhecimento de uma escola municipal da periferia de Campinas que vinha trabalhando, já há algum tempo, com pesquisa.

Optamos, portanto, pela realização de um estudo de caso. Os dados foram obtidos, inicialmente, através de entrevistas com duas professoras desta escola, realizadas no período de agosto a novembro de 2008. As entrevistas foram realizadas na própria escola, durante o horário de aulas.

As entrevistas aconteceram na sala de aula, no quiosque, nos intervalos para café, nos corredores, porém sempre na própria escola.

O material coletado para esta pesquisa, como fotos, reportagem de jornais, material de alunos, atividades, foram gentilmente cedidos pelas professoras entrevistadas e demais professores da escola, além do material constante do Projeto Político Pedagógico desta unidade escolar para o biênio 2008/2009.

Ressaltamos que parte dos dados apresentados no Projeto Político Pedagógico 2008/2009 desta unidade escolar foram fruto dos resultados dos

diferentes diagnósticos desenvolvidos pelos professores desta escola nos primeiros meses de aula e aplicados em todas as turmas, de todos os períodos, com o objetivo de fortalecer as relações da escola com as famílias e articular as atividades escolares ao contexto da realidade local.

Em atendimento ao estabelecido pelo comitê de Ética em Pesquisa, todos os nomes apresentados nesta pesquisa serão fictícios para manter a identidade dos sujeitos envolvidos.

RESULTADOS PRELIMINARES: Primeira fase da pesquisa

2.1 Resultados do Projeto Piloto: Necessidades de mudança de rumos

Foram sujeitos da presente pesquisa, professores e alunos do Ensino Fundamental de escolas públicas do interior do Estado de São Paulo da Região Metropolitana de Campinas.

Nesta parte inicial da pesquisa, como se tratava de um trabalho com abordagem qualitativa, auxiliada pela perspectiva quantitativa, foi estabelecido um mínimo de 5 docentes, um de cada série e de 3 alunos de cada um. Teríamos, portanto, no mínimo 20 sujeitos participantes (15 alunos mais 5 professores).

Assim, a fim de iniciar nossos estudos, elaboramos um questionário para os professores, composto por questões abertas e fechadas, relativas a seu dados pessoais (garantindo-se o anonimato do informante), concepções e práticas da pesquisa. Elaboramos, também, um questionário para alunos, composto de uma única pergunta a respeito das atividades de pesquisa que realizavam na escola e que poderiam se caracterizar como pesquisa.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética e, aprovado, partimos para a testagem do questionário. Assim, uma versão piloto (Anexo 1) foi aplicada a um grupo de professores e alunos da escola inicialmente selecionada como *lócus* para a presente pesquisa.

Esta primeira escola pesquisada contava no Ciclo I com 3 primeiros anos, 3 segundos anos e 3 terceiros anos e no Ciclo II, com 1 primeiro ano e 4 segundos anos; total de 14 salas. Os dados do questionário piloto seriam colhidos com 1 turma de 25 alunos, e não seriam considerados para análise, sendo coletados apenas com intuito de verificação do instrumento. Uma vez que o número de alunos e professores superava o mínimo estabelecido no projeto, a pesquisa poderia ser realizada, posteriormente, na mesma escola, com outras turmas.

A aplicação do questionário para os professores e alunos que concordaram com a participação na pesquisa foi feita pessoalmente pela pesquisadora. As entrevistas foram semi-estruturadas, visavam apenas esclarecer pontos que porventura permanecessem obscuros na análise dos demais instrumentos e documentos.

No caso de alunos que não conseguissem responder por escrito (por exemplo, aqueles ainda no início do processo de alfabetização), a pesquisadora se responsabilizaria por anotar sua resposta.

Havia intenção da pesquisadora de realizar observação das atividades consideradas pelos professores como “de pesquisa”, coletando as produções relativas a esses trabalhos, bem como de realizar entrevistas com professores e orientadores pedagógicos com a finalidade de complementar os dados ou confrontá-los com as informações obtidas pelo questionário.

2.2 Contextualização da escola – primeira parte da pesquisa

Esta parte inicial do estudo se desenvolveu numa escola pública municipal de ensino fundamental, situada num bairro residencial, com construções de alvenaria que variam tanto de pequenas e simples casas, como também casas grandes, bem construídas, conservadas e condomínios residenciais. As ruas são asfaltadas, com iluminação pública e serviço de limpeza urbana. Situa-se numa área servida pelo sistema público de transporte e saúde.

Por estar distante do centro aproximadamente 20 km, o bairro apresenta estrutura básica de comércio e serviços contando com mercados, farmácias, padarias, oficina mecânica, tapeceiro, pizzarias, lojas de materiais de construção, roupas, açougue, cabeleireiros e outros. O bairro é pouco arborizado, mas possui uma área verde localizada ao final da rua da escola conhecido como “bosquinho”.

A escola onde realizamos esta fase do estudo é uma das maiores da Rede Municipal de Campinas, atendendo uma comunidade bastante ativa e diversificada, tanto econômica, social como culturalmente¹. Por atender a educação básica de 9 anos e EJA (educação de jovens e adultos), a idade do corpo discente varia dos seis aos 70 anos.

A escola atendia, no ano de 2008, aproximadamente 1250 alunos, em três períodos. A equipe gestora era formada pela diretora, por duas vice-diretoras, sendo uma delas, substituta, e por uma orientadora pedagógica. Possuía um quadro docente de 46 professores efetivos, dos quais 05 estão afastados da sala de aula por motivos variados, e 04 substitutos. Quinze funcionários efetivos que atuam na secretaria, inspetoria e limpeza e cinco funcionários para limpeza, contratados de empresas terceirizadas, dois vigilantes e um estagiário para a biblioteca.

A escola conta com sala de vídeo, aparelhos audiovisuais, data show, DVD, computador, microfone, mesa de som e telão, biblioteca, brinquedoteca, laboratório de informática (com 21 computadores e impressora), parque infantil, biblioteca informatizada, sala para atendimento de crianças com necessidades especiais, duas quadras poli-esportivas sem cobertura e está formando uma DVDteca. Todas as instalações recebem manutenção permanente, o que pode ser constatado por visita *in loco*. Nota-se, portanto, de uma escola com infraestrutura adequada a seu funcionamento e que promove “ajustes” quando necessários.

Como mencionado anteriormente, a fim de viabilizarmos a condução da presente pesquisa, realizamos a aplicação do questionário piloto para professores e alunos da escola, com intuito de testagem e validação do instrumento de coleta

¹ Mapa da Vulnerabilidade Social da Cidade de Campinas - ano 2004

de dados. Para as professoras (duas), foram apresentadas questões abertas e fechadas. No caso dos alunos, o questionário piloto foi aplicado a um grupo de 25 alunos (professora 1) e de 22 alunos (professora 2). A fim de testarmos qual seria a melhor abordagem dos alunos, foram feitos dois modelos de questionário, ambos com apenas uma pergunta:

1. Que tipos de trabalhos de pesquisa você realiza na escola? (anexo 2)
2. Dê exemplos de pesquisa que você realiza na escola. (anexo 3)

O questionário aplicado às professoras seguiu o modelo apresentado a seguir.

<p>1. Idade:</p> <p>2. Formação:</p> <p>3. Tempo de serviço na área de educação:</p> <p>4. Tempo que trabalha na escola:</p> <p>5. Disciplina(s) que leciona:</p> <p>6. Quais atividades de pesquisa você vem realizando com seus alunos nesta escola?</p> <p>7. Você tem recursos disponíveis na escola para realização destas atividades?</p> <p>() sim () não</p> <p>7.1. Se sua resposta foi SIM, quais são esses recursos?</p> <p>8. Você encontra dificuldades para realizar atividades de pesquisa com seus alunos?</p> <p>() sim () não</p> <p>8.1. Por quê?</p>
--

Os dados preliminares obtidos puderam nos revelar aspectos interessantes. Assim, embora nosso trabalho esteja concentrado na análise da experiência vivenciada pela segunda escola, consideramos de fundamental importância registrar e divulgar os resultados obtidos na primeira fase de nosso trabalho (anexo 4).

Ao responder o questionário a Professora 1 disse não ter dificuldades para realização de pesquisas com alunos; ao contrário da Professora 2 que disse ter dificuldades para a realização de pesquisa com os alunos. Quando questionadas sobre as razões de sua resposta, a Professora 2 alegou dificuldades dizendo que “Muitas vezes o tempo é curto para atividades de pesquisa, e outros professores precisam usar aquele mesmo espaço que meus alunos”. Acrescentou, ainda, que “também tem a questão de conteúdos que precisam ser trabalhados e que muitas vezes temos que nos apressar para dar conta dos mesmos e pesquisa é algo que demanda tempo”. Já a Professora 1 afirmou que não encontra dificuldades, pois procura “organizar bem e orientar” tais atividades.

A partir dos 47 questionários respondidos pelos alunos, foi possível constatar que os temas “pesquisados” pelos alunos são bem variados.

Dentre os temas citados pelos alunos da professora 1, destacamos (anexo 5) Como surgiu a vida na Terra, Identidade, Quantas pessoas têm no Brasil entre outros. Os temas citados pelos alunos da professora 2 destacamos (anexo 6): Índios, Cáries, Carlos Gomes, entre outros; sendo que o principal meio utilizado pelos alunos, em especial da professora 2, para realizar as pesquisas era a Internet.

Os alunos foram questionados sobre o que era feito com o material produzido, ao que 3 responderam que a professora “guardava o material”, 4 que os trabalhos eram colocados na parede e 2 alunos citaram que os resultados da pesquisa foram “apresentados para outras pessoas e classes diferentes”.

De maneira geral, pudemos constatar que o trabalho de pesquisa era realizado nessa escola, seguindo aproximadamente a seguinte sistematização (anexo 7): a professora propunha um tema e sugeria aos alunos que pesquisassem o assunto na biblioteca e ou na internet. Após serem entregues à

professora da classe, os trabalhos eram corrigidos e alguns deles eram guardados no armário, alguns trabalhos eram colocados na parede e uma minoria dos trabalhos era socializado entre os colegas.

Pelos dados apresentados, observamos que as professoras realizam um trabalho escolar de cópia de material divulgado em outras fontes, nem sempre discutido em sala de aula em profundidade, não se configurando, portanto, naquilo que Demo considera como pesquisa.

Procuramos obter respostas, mesmo que provisórias, para a questão “a possibilidade de incorporar a pesquisa na prática cotidiana do professor do ensino fundamental” através de um estudo exploratório, porém o que pudemos constatar foi a presença de “trabalhos escolares”, portanto não respondia aos nossos questionamentos.

Portanto, a primeira parte do trabalho, aqui registrada, não respondia aos nossos questionamentos sobre a possibilidade de incorporar a pesquisa na prática cotidiana do professor da escola básica. Ou melhor, respondia, confirmando a idéia de que a escola não trabalha pela via da pesquisa como princípio educativo (Pedro Demo).

A manutenção do registro desta primeira fase de nosso trabalho, para além da contraposição que proporciona à experiência em foco, permite também que se registre o percurso de uma pesquisa acadêmica. Ao desnudarmos nossa necessidade de mudança de rumos, acreditamos contribuir até mesmo para uma desmistificação e ressignificação do que seja fazer pesquisa, independentemente, do nível educacional a que nos referimos.

Assim, embora o foco do nosso trabalho seja um estudo de caso, não pudemos nos furtar, mesmo que brevemente, a uma comparação, ao menos para demonstrar, pela via da exemplificação, o que não é fazer pesquisa na escola.

Sentimos necessidade de registrar, também, para mostrar o mal-estar, o desencanto, que sentimos ao saber que a concepção de pesquisa como tarefa predomina ainda no trabalho docente.

A partir dessa experiência, sentimos a necessidade de buscar uma experiência emblemática, inovadora, que mostrasse que há possibilidade de uma outra escola, de outro caminho para a educação da “juventude”, experiência registrada nos capítulos seguintes.

Com a colaboração de colegas de trabalho, iniciamos a busca a alguma escola que fizesse um trabalho diferenciado, próximo àquilo que compreendemos por pesquisa no sentido proposto por Demo (1992). Após consulta a algumas pessoas que trabalham na rede pública de ensino de Campinas, fomos apresentadas a uma experiência desenvolvida há alguns anos em uma escola da rede municipal e que parecia aproximar-se do sentido por nós buscado.

3 UMA EXPERIÊNCIA EMBLEMÁTICA

Neste capítulo queremos deixar registrada a experiência de um grupo de seis professoras de terceiras séries de uma escola municipal de ensino fundamental de Campinas que nos últimos quinze anos tiveram que se adequar a uma nova realidade em decorrência de diversas ocupações e a formação de novos grupos habitacionais nas imediações do bairro onde se encontra esta escola. Diante desse quadro, em 1999, esse grupo de professoras iniciou uma nova proposta de trabalho que foi se solidificando ao longo dos anos e nós tivemos a felicidade de encontrarmos algo “revolucionário”, através das entrevistas realizadas com duas professoras que se desafiaram e desafiaram os alunos com uma nova proposta de trabalho.

3.1 Caracterização da escola

Esta Escola Municipal de Ensino Fundamental foi fundada em 1969 e está localizada na periferia de Campinas.

A construção de uma Estação Ferroviária na segunda metade do século XIX pode ser considerada um dos marcos iniciais do processo de ocupação da região. A Companhia Paulista construiu um conjunto de casas para os trabalhadores responsáveis pela operação da estação.

A região onde está instalada esta Unidade Escolar fica próxima às Rodovias Bandeirantes e Anhangüera e ao Complexo Penitenciário de Hortolândia, sendo outro ponto de referência e de certa forma de influência sobre as comunidades no entorno da escola. Com várias unidades prisionais e uma população carcerária de milhares de detentos, muitas famílias se instalam na região para acompanhar o cumprimento da pena de parentes.²

² Fonte: Projeto Político Pedagógico 2008/2009

Figura 1 Mapa da região da escola pesquisada



*Fonte: Google maps

A ocupação desordenada da região apresenta diferentes contrastes. Ali há grandes extensões de terras que são utilizadas para plantações de hortaliças que abastecem a cidade de Campinas e, no fundo da escola, está instalada uma indústria de grande porte.

Na década de 70, o bairro era composto por uma igreja, coreto, aproximadamente cinquenta casas, o complexo industrial, uma oficina, a estação de trens e uma escola “modelo”, com nove salas de aula, anfiteatro, refeitório, área externa arborizada, piscina, campo de futebol e parque. Esta Unidade Escolar funcionava em dois períodos, manhã e tarde.

No final da década de 70 e no início da década de 80, do século XX, bairros próximos começam a receber novos moradores. São bairros legalizados que possuem atualmente todos os itens de infra-estrutura básica.

Na segunda metade da década de 80 e ao longo da década de 90, no final do século XX, a região onde a escola se localiza foi ocupada por sucessivas

ondas de migrantes, vindos principalmente de estados do nordeste e sul e por famílias de sem-teto. Rapidamente, terrenos próximos à escola haviam sido “ocupados”, bananeiras e pés de café deram lugar a pequenas casas de madeira e barracos de lona ou plástico. Assim, inúmeros bairros foram surgindo às margens das rodovias e das linhas férreas, alguns dos quais passaram por processo de legalização e urbanização conquistando definitivamente rede de energia, água, esgoto e pavimentação.

Por outro lado, alguns bairros próximos à escola, por estarem em áreas de risco, não reúnem condições de legalização e, por isso mesmo, não recebem os investimentos públicos de infra-estrutura. A prefeitura já removeu algumas famílias das áreas mais críticas para conjuntos habitacionais, porém essa ação não garante que as mesmas áreas não venham a ser ocupadas por outras famílias.

O processo de ocupação se estendeu ao longo da ferrovia, entre os trilhos onde as locomotivas fazem suas manobras, surgindo novas moradias dando origem a novos bairros.

Muitas moradias receberam melhorias ao longo desses anos, transformadas em casas de alvenaria, mas ainda existem muitas casas de madeira, em precárias condições de habitação.

Na região há também outro bairro recente, fruto de um loteamento legalizado e urbanizado com todos os itens de infra-estrutura básica. O padrão de qualidade das moradias do bairro difere do padrão dos bairros vizinhos.

Na região não existe Centro de Saúde, o que obriga a população a se deslocar para o Centro de Saúde de bairros vizinhos. Além da unidade escolar, não existe nenhum outro equipamento público, quer seja escolar, de assistência à saúde ou de cultura e lazer. Uma exceção a esta regra é um Centro Promocional, uma organização não governamental que desenvolve atividades educacionais e sociais com crianças e jovens, embora haja outras ONGs na região. Alguns alunos dos anos iniciais da escola analisada freqüentam o Centro Promocional em período oposto às aulas.

A região no entorno da Escola apresenta um alto índice de vulnerabilidade e exclusão social: invasões de terra, favelas, deficiências de infra-estrutura urbana, deficiências de equipamentos na área de educação infantil, postos de saúde, cultura, lazer, fome, miséria, doenças, violência e desemprego fazem parte do cotidiano da grande maioria dos moradores da região.

Vale ressaltar que no entorno da escola existe um conjunto de bairros não legalizados, considerados áreas de risco pela proximidade da ferrovia, ausência de rede de esgoto e pavimentação. Cerca de 40% dos alunos matriculados nesta escola são provenientes dessas localidades. Os outros 60% provêm de áreas em processo final de legalização com casas de alvenaria e benefícios de infra-estrutura urbana.³

3.2 Horário de funcionamento desta escola

Para o ano letivo de 2008 a escola está organizada em três períodos de aula (manhã, tarde e noturno), das 7 horas às 23 horas.

A consolidação da organização dos Ciclos nos anos iniciais do ensino fundamental, Ciclo I com três primeiros anos (C1.1, C1.2, C1.3), Ciclo II com dois anos (C2.1, C2.2) desta Unidade Escolar é das 7 horas às 11 horas.

No caso das séries finais do ensino fundamental, os alunos de 5^a a 8^a séries são atendidos no horário de 12h às 18h e os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJAII) são atendidos das 19h às 23h.

Os cursos oferecidos e ministrados no interior da escola pela FUMEC e pelo CEPROCAMP utilizam os espaços e os equipamentos da escola, entretanto, não sofrem nenhuma interferência de ordem administrativa ou pedagógica por parte desta unidade escolar.

³ O Projeto Político Pedagógico desta Unidade Escolar apresenta estes dados com detalhes, com imagens de satélites da região.

TABELA 1 Horário de funcionamento da escola

TURNOS	HORÁRIOS	PERÍODOS
1	07:00 às 11:00	MANHÃ
2	12:40 às 18:00	TARDE
3	19:00 às 23:00	NOITE

*Fonte: Projeto Político Pedagógico 2008/2009

Até o ano letivo de 2005, esta escola funcionava com 4 períodos de atendimento, nos horários de 7 h às 23 h (manhã, intermediário, vespertino e noturno).

TABELA 2 Horário dos Cursos

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO			
CURSO	MODALIDADE	HORÁRIOS	PERÍODOS
Ciclo I	Ensino Fundamental	7 h às 11h	MANHÃ
C 1.1	Regular		
C 1.2			
C 1.3			
Ciclo II	Ensino Fundamental	7h às 11 h	MANHÃ
C 2.1	Regular		
C 2.2			
5ª Série	Ensino Fundamental		

6ª Série	Regular	12h40min às 18h	TARDE
7ª série			
8ª Série			
EJA II	Ensino Fundamental Suplência II	19h às 23 h	NOITE
1º Termo			
2º Termo			
3º Termo			
4º Termo			

*Fonte: Projeto Político Pedagógico 2008/2009

Para ano de 2008 a escola está organizada em três períodos de aula (manhã, tarde e noite), com a consolidação da organização dos ciclos nos anos iniciais do ensino fundamental, Ciclo I com três primeiros anos (C1.1, C1.2, C1.3), Ciclo II com dois anos (C2.1, C2.2), assegurando apenas 4 horas diárias de aulas para os alunos dos anos iniciais, Ciclo I e Ciclo II do ensino fundamental.

Ressaltamos as atividades desenvolvidas nos tempos pedagógicos TDI – Trabalho Docente individual é uma modalidade de recuperação e reforço oferecida aos alunos do ensino fundamental que apresentam algum problema de aprendizagem durante uma hora aula; TDC – Trabalho Docente Coletivo, momento privilegiado do trabalho em equipe, com duração de duas horas aulas para reflexão e socialização das experiências, desenvolvimento e acompanhamento de projetos, formação continuada, temáticas específicas, aprendizagem e avaliação, informes e comunicados gerais, sob a responsabilidade e coordenação das orientadoras pedagógicas, CHP – Carga Horária Pedagógica é outra modalidade de recuperação e reforço dos alunos com dificuldades de aprendizagem, detectadas durante o processo de avaliação diagnóstica e na observação do aproveitamento na sala de aula, a carga horária é de quatro horas aulas semanais, lembrando que nem todos os professores contemplam a CHP na jornada de trabalho; HP – Horas Projeto são destinadas ao

processo de formação continuada do professor, como também ser utilizadas para o desenvolvimento de Projetos Interdisciplinares e/ou Projetos de Trabalho, com os respectivos planejamentos e formas de avaliação, de acordo com as normatizações específicas.

3.3 Recursos Físicos e Materiais

De acordo com o Projeto Político Pedagógico 2008/2009 esta escola oferece um amplo e diversificado conjunto de recursos físicos e materiais pedagógicos para a realização do trabalho pedagógico e para o emprego de múltiplas possibilidades de aprendizagens o qual foi formado, acumulado e ampliado ao longo dessa última década, com os recursos, equipamentos e materiais enviados principalmente pelo governo municipal e federal.

Na observação *in loco* verificou-se que o laboratório de informática é pouco utilizado como ferramenta de aprendizagem pelos alunos pesquisados pois o laboratório de informática está sendo utilizado pelo Projeto Jovem.com, programa de inclusão digital da Secretaria de Cidadania, Trabalho, Assistência e Inclusão Social da Prefeitura Municipal de Campinas que oferece ao longo do ano, o curso básico de informática em horário oposto ao horário de aulas para os alunos desta escola. Observou-se, também, que a escola não tem um espaço montado, pronto, para a utilização dos recursos multimídia e que não dispõe de laboratório de ciências.

A imagem a seguir é a planta da escola. A partir dela podemos ter uma noção da distribuição do espaço que esta unidade escolar apresenta.

FIGURA 2 Croqui simplificado da área total da escola



*Fonte: Projeto Político Pedagógico 2008/2009

A área total do terreno da escola corresponde a 14.263 m².

3.4 Caracterização dos alunos

Segundo as professoras entrevistadas, para a caracterização dos alunos no ano letivo 2008, foram construídos pela equipe escolar instrumentos para diferentes diagnósticos. Estes instrumentos foram construídos e desenvolvidos com o objetivo de detalhar o perfil do corpo discente. Através da equipe de trabalho desta escola, foi elaborado um diagnóstico investigativo das principais condições sociais, econômicas, culturais e educacionais da população escolar. Foram elaborados instrumentos diferenciados para cada período e segmento da escola.

Os resultados destes indicadores apresentaram características comuns ou muito próximas entre os períodos da manhã, tarde e noite, como também cada segmento apresentou algumas particularidades.⁴

Considerando as leituras do Projeto Político Pedagógico, a equipe escolar desta escola ressalta a necessidade de identificar as dificuldades dos alunos no processo de aprendizagem, a equipe de trabalho aplicou nos três primeiros meses deste ano, em cada um dos 3 períodos, mecanismos de avaliação diagnóstica das competências e habilidades básicas, particularmente as questões referentes a competência da leitura, compreensão e interpretação de texto, produção escrita e as operações básicas de matemática.

O diagnóstico procurou também identificar a origem étnica dos alunos. Os resultados apresentados no Projeto Político Pedagógico mostram que a escola tem uma significativa diversidade étnica e que os índices entre os 2 períodos estão muito próximos. O percentual de alunos que se consideram brancos oscilou entre 42% a 47%, de negros, entre 8% a 12% e de pardos e mulatos entre 34 a 39%. De indígenas foi 2% e os amarelos, 1%.

Os gráficos abaixo representam os índices alcançados nos 2 períodos da unidade escolar:

⁴ Fonte: Projeto Político Pedagógico 2008/2009

GRÁFICO 1 Origem étnica dos alunos – período manhã

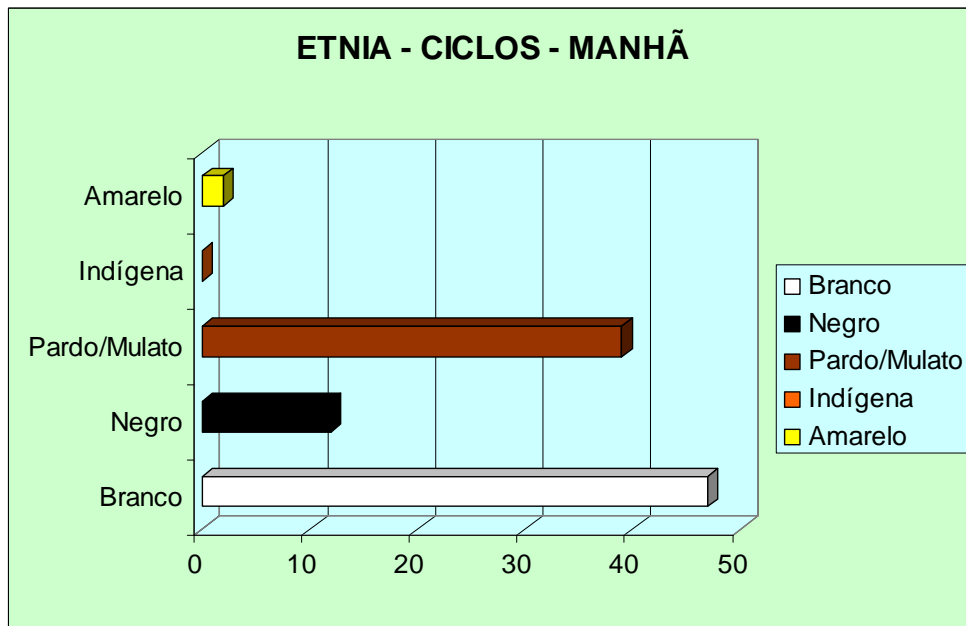
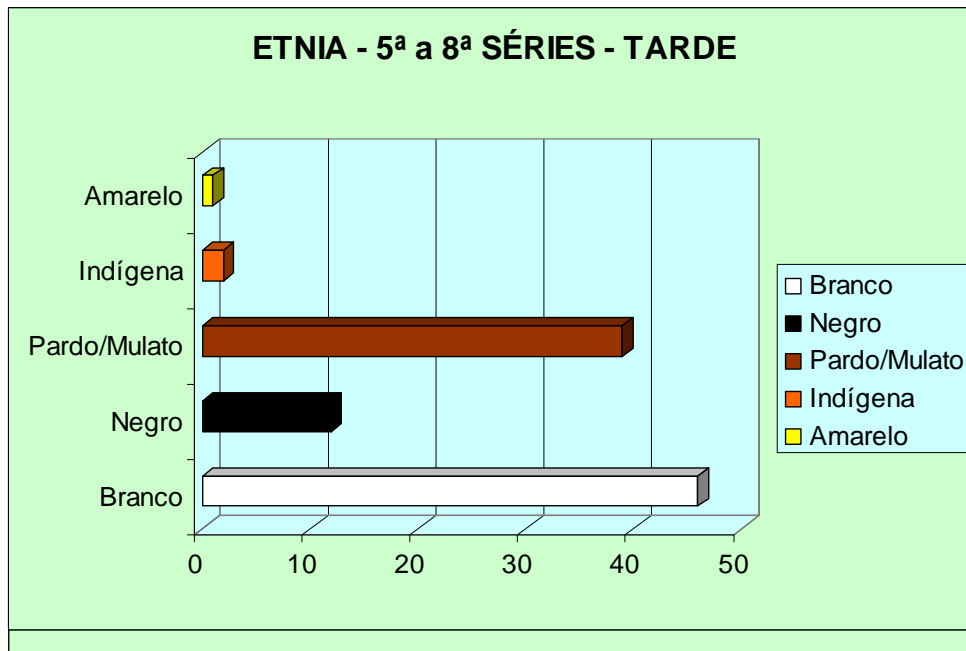


GRÁFICO 2 Origem étnica dos alunos - período tarde



Pela observação dos dados apresentados nos gráficos 1 e 2 dos períodos da manhã e tarde, a soma de negros, pardos/mulatos e indígenas supera o total de brancos, conclui-se que esta escola tem uma parcela significativa de alunos negros, pardos/mulatos e indígenas.

Ainda de acordo com o Projeto Político Pedagógico, a escola desenvolve diferentes ações e projetos que procuram atender as determinações da Lei nº 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana e que muitas experiências no interior da escola consideram as sugestões apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais. Segundo informações do mesmo documento, a escola participou da segunda edição do Prêmio Educar para Igualdade Racial em 2005 e do Projeto A Cor da Cultura, TV Futura / Rede Globo, em 2006, programa que hoje faz parte do acervo DVD Escola / MEC, coleção II, volume 06.

Quanto à opção religiosa dos alunos desta escola, percebemos uma divisão entre católicos e evangélicos, no período da manhã, enquanto que nos outros dois períodos os evangélicos constituíram a maioria. Praticamente em todos os bairros da região encontra-se um grande número de igrejas evangélicas das mais diferentes correntes. Por outro lado, é muito reduzido o número de igrejas católicas na região onde se encontra esta escola.

A pesquisa realizada pelos professores desta unidade escolar nos primeiros meses do ano letivo de 2008 procurou obter diferentes dados sobre aspectos sobre as condições das moradias dos alunos da escola.

TABELA 3 Condições de moradia dos alunos

PERÍODO DA TARDE	
CARACTERÍSTICA	OCORRÊNCIA
Água encanada	92%
Energia Elétrica	93 %
Coleta de Lixo	91,7%
Iluminação Pública	86,1%
Transporte Coletivo	76,9%
Rede de esgoto	60,2%
Asfalto	51,9%
Computador	31,5%

*Fonte: Projeto Político Pedagógico 2008/2009

O quadro mostra que 40% dos alunos da escola habitam moradias sem rede de esgoto.

O mesmo diagnóstico foi realizado com alunos do período noturno e sinalizou que aproximadamente 10% dos alunos do noturno moram em casas com precárias condições de infra-estrutura, 30% moram em ruas não pavimentadas, 17% sem iluminação pública, 10% sem energia dentro de casa, 8% sem água encanada e 9% sem coleta de lixo.

A avaliação diagnóstica aplicada pelos professores desta escola apresenta alguns dados obtidos sobre a renda familiar dos alunos. Estes estudos encontram-se no PPP desta escola e transcrevemos aqui parte deles a fim de auxiliar na caracterização do público que frequenta esta unidade escolar.

TABELA 4 Comparativo entre renda familiar dos períodos manhã e tarde

RENDA FAMILIAR (%)		
	MANHÃ	TARDE
Entre R\$0,00 à R\$200,00	22 %	9,4 %
Entre R\$201,00 à R\$400,00	28 %	17 %
Entre R\$401,00 à R\$600,00	26 %	28 %
Entre R\$601,00 à R\$1000,00	17 %	23,6 %
Acima de R\$1000,00	7 %	21,7 %

*Fonte: Projeto Político Pedagógico 2008/2009

Os dados apontam que a maior concentração de renda é na faixa entre R\$ 201,00 e R\$ 600,00. Outro dado importante revela que a renda é maior entre os alunos do período da tarde em relação a renda dos alunos do período da manhã.

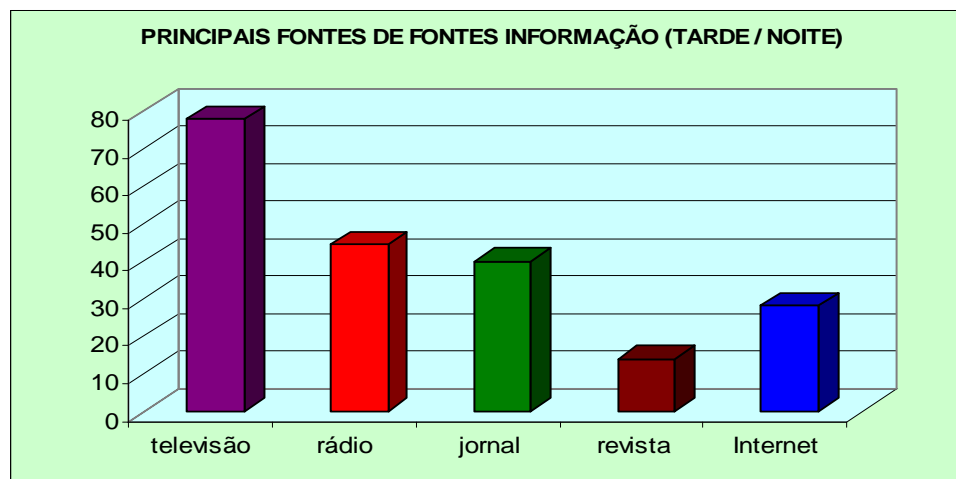
A baixa renda das famílias dos alunos favorece a participação dos moradores nos programas de complementação de renda, como é o caso do Programa Bolsa Família do Governo Federal. No período da manhã, 57% dos pesquisados participam do programa. É grande também a participação dos moradores em outras modalidades de assistência social.

Nos períodos da manhã e tarde, 80% dos alunos se dirigem à escola caminhando, no período noturno, 43% utilizam o ônibus escolar e 38% que se dirige à escola caminhando.

Ainda de acordo com os resultados das pesquisas realizadas pelos professores desta unidade escolar, e apresentados no Projeto Político Pedagógico desta escola do ano letivo 2008, a televisão é o principal veículo de comunicação utilizado pelos alunos para obter informações, seguido pelo rádio e pelo jornal impresso. Entre os alunos da tarde e noite, a ocorrência do uso da

internet alcançou 22% e 28% respectivamente. Como pode ser visto no gráfico abaixo. Ainda de acordo com o Projeto Político Pedagógico, no período da manhã a internet é utilizada por 5% dos alunos.

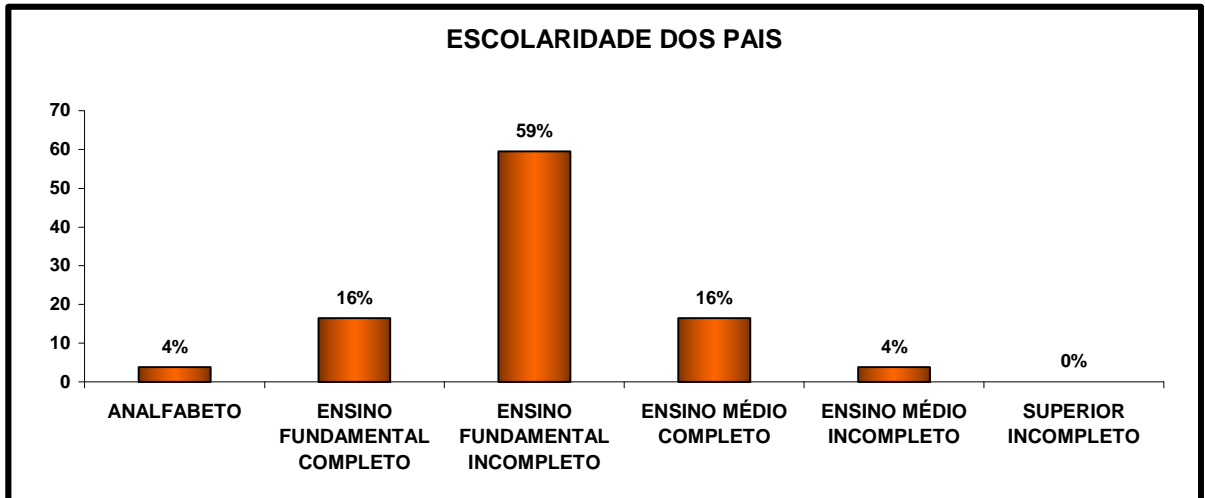
GRÁFICO 3 Fontes de informação



*Fonte: Projeto Político Pedagógico 2008/2009

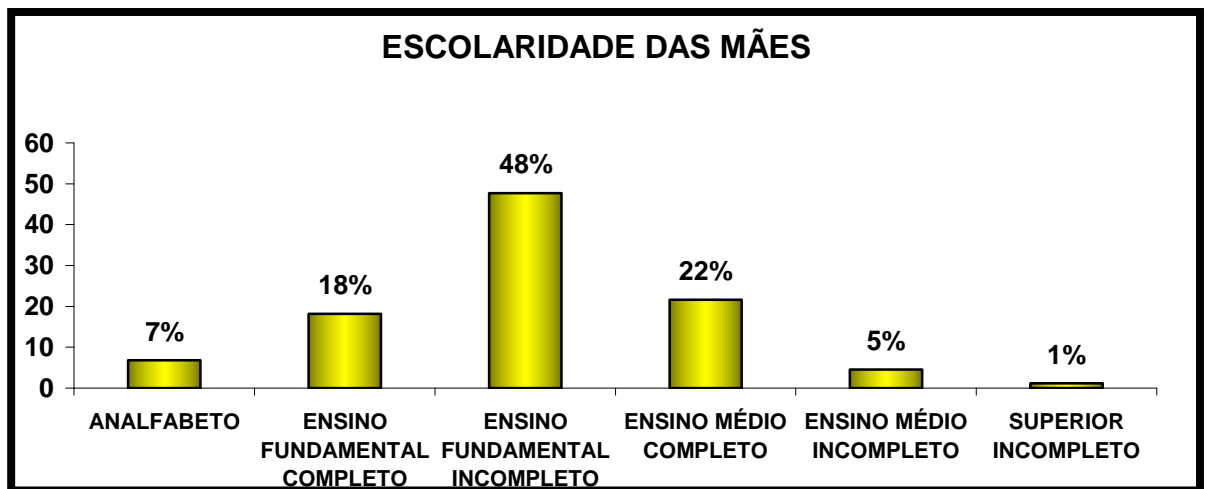
O Projeto Político Pedagógico desta escola para o ano letivo 2008 apresenta, ainda, o nível de escolaridade dos pais dos alunos. Percebe-se, por estes dados, que a grande maioria não possui o ensino fundamental completo, observa-se a presença de pais e mães analfabetos. O número de mães apresenta uma pequena vantagem em relação aos pais no que diz respeito ao ensino fundamental completo, como pode ser visto no gráfico a seguir:

GRÁFICO 4 Nível de escolaridade dos pais dos alunos



*Fonte: Arquivo pessoal da professora Suzana

GRÁFICO 5 Nível de escolaridade das mães dos alunos



*Fonte: Arquivo pessoal da professora Suzana

3.5 Recursos Humanos

Com base nas leituras efetuadas no Projeto Político Pedagógico desta escola, e entrevistas realizadas com duas professoras desta escola, o quadro de funcionários dessa escola tornou-se bastante estável ao longo dessa década. Todo o quadro do corpo docente é constituído por professores efetivos (100%) e que o grau de rotatividade é pequeno e pontual, provocado por remoções, aposentadorias ou falecimentos. A maioria dos professores de Ciclo I e Ciclo II, no período da manhã, constituem as equipes com maior tempo de serviço na escola. Já a maior parte da equipe de professores de 5ª a 8ª série e EJA II trabalha na escola desde o segundo semestre de 2000. É significativa a parcela de professores da escola que são também professores da rede pública estadual de ensino. Por outro lado, há uma parcela considerável de professores com dedicação exclusiva à rede municipal de ensino. A equipe de gestão também é constituída por efetivos. Esta escola conta com duas orientadoras pedagógicas, sendo que uma orientadora pedagógica é substituta. Os atuais gestores estão na direção da escola desde 2002. O quadro de funcionários é o setor que apresenta menor número de trabalhadores efetivos, a maioria são funcionários contratados e terceirizados.

3.6 Parcerias

Esta escola tem parceria com uma ONG que recebe seus alunos, sendo as vagas preenchidas prioritariamente por alunos do Ciclo II em período oposto ao de suas aulas, para realizar atividades de língua portuguesa e matemática.

Um dos projetos dessa parceria é a “Biblioteca Interativa e Comunitária”, voltado para os alunos do Ciclo I e Ciclo II que pretendem complementar as atividades de leitura e a prática de diferentes expressões artísticas a partir das leituras realizadas.

A escola mantém parceria com o Projeto GERES (Estudo Longitudinal de Geração Escolar), que visa acompanhar o desempenho escolar dos alunos ingressantes na 1ª série daquele ano ao longo das séries iniciais do ensino fundamental. A coordenação deste projeto na escola é realizada por professoras da PUC-Campinas e UNICAMP.

Fruto da parceria entre o laboratório de Informação Aplicada – LEIA da Faculdade de Educação da Unicamp / Sistema Municipal de Ensino / Departamento Pedagógico e Unidade Escolar, o projeto “Ciência na Escola” visa desenvolver a prática da metodologia da pesquisa científica na educação básica, dos projetos de trabalho, a interdisciplinaridade e o emprego de novas tecnologias. As turmas envolvidas com o projeto são de 5ª e 6ª séries.

O Projeto “Jovem.com”, programa de inclusão digital da Secretaria de Cidadania, Trabalho, Assistência e Inclusão Social da Prefeitura Municipal de Campinas, está oferecendo curso básico de informática para os alunos do ensino fundamental e EJA em horário oposto.

O “Projeto Horta” é desenvolvido na escola envolvendo a área de Ciências, com um professor e alunos de 5ª e 6ª séries, através da parceria com a SANASA, que fornece o material para a construção dos canteiros e Escola Superior de Agronomia Luis de Queirós – ESALQ/USP fornece as mudas das hortaliças.

Em suma, podemos observar que esta escola apresenta uma boa infraestrutura e uma ligação “*além dos muros da escola*” com a comunidade, na maior parte, alunos da redondeza e provenientes de várias ocupações.

E esta caracterização histórica e geográfica, bem como o compromisso de seus professores, sua compreensão de educação que fizeram com que a pesquisa se concretizasse como metodologia de aprendizagem.

Segundo o relato das professoras entrevistadas, não é possível entender a opção pela pesquisa sem conhecer a história da escola.

Após ocupação de muitas famílias na região e para atender a essa grande demanda de vagas no ano de 1998, esta escola precisou ampliar seu turno de funcionamento para quatro períodos (manhã, intermediário, vespertino e noturno)

provocando mudanças na estrutura organizacional da escola, como também a diversidade econômica, social e cultural apresentadas por essa comunidade ainda em formação, provocou o questionamento do trabalho até então desenvolvido por esta Unidade Escolar.

A professora Vanessa salienta que:

“Esta nova realidade deu início aos conflitos sociais e exigiu dos profissionais uma nova postura política, novo redirecionamento do trabalho à medida que a realidade se tornava conhecida. Uma comunidade estruturada, de classe média baixa, e de repente se vir “ocupada” por uma população que exigia seus direitos, como a exigência de vagas na escola para todos”.

Ainda de acordo com a professora Vanessa: “O corpo docente foi despertado por sentimentos diversos: medo, preconceito, descontentamento, desinteresse em ouvir e trabalhar com o novo, provocando um incomodo geral, mas também inquietações para mudanças”

Segundo a professora, esta escola viveu, a partir daí, períodos de turbulência, choque entre “antigos” e “novos” moradores, choque entre as diferentes “linhas” dos professores e direção, diferentes olhares sobre a nova clientela, sobre a prática pedagógica e sobre a avaliação.

De acordo com a professora: “Os alunos provenientes da ocupação chegavam a escola sem condições de higiene porque não possuíam moradia digna, não tinham os materiais escolares básicos, como lápis e cadernos”. E complementa: “os alunos apresentavam grande defasagem de aprendizagem, talvez por mudarem de escola com frequência. Todas essas questões contribuíram para os conflitos entre os alunos “antigos” e os “novos”.

Ressalta ainda a professora:

“Nós tínhamos um problema e tínhamos que resolver, e era um desafio para nós também. O desafio foi e continua sendo enorme, pois até hoje, os profissionais continuam se empenhando para conhecer e compreender cada vez mais a diversidade apresentada por essa comunidade”.

Segundo a professora Vanessa, “os alunos tinham uma defasagem de conteúdos muito grande, mas também conhecimento de seus direitos, de certo forma, politizados”.

Diante desse quadro, no ano de 1999, um grupo de professoras iniciava uma nova proposta de trabalho a partir das inquietações, indagações sobre qual conteúdo trabalhar, sobre como trabalhar.

Emocionada, lembrou da matéria que tinha saído no jornal Diário do Povo da cidade de Campinas, sobre a “manifestação dos pais dos alunos por falta de salas de aula para seus filhos” e ressaltou: “Se era saudável os alunos assistirem as aulas debaixo das árvores conforme declaração do poder público para a comunidade, sendo assim, numa forma de protesto, decidimos que todos os alunos da escola assistiriam as aulas ao ar livre”.

Outro fator relevante citado pela professora, foi o fortalecimento de vínculos entre a comunidade local e a escola, e para conquista de direitos para todos, muitas manifestações foram feitas por pais, alunos e professores a fim de chamar atenção do poder público, como mostra a seguir matérias de jornais.

FIGURA 3 Aula ao ar livre



*Fonte: Diário do Povo – 12 de abril de 1995 - Arquivo da professora Vanessa

FIGURA 4 Contradição



*Fonte: Diário do Povo – 12 de abril de 1995 - Arquivo da professora Vanessa

“A foto, tirada pelo fotógrafo da capa do caderno de uma aluna, mostrava uma sala aula linda, enquanto os alunos da periferia estavam assistindo as aulas

no chão. Eu acredito que as pessoas que leram essa matéria não fizeram esta leitura, mas o fotógrafo mostrou bem a contradição”, disse a professora Vanessa.

FIGURA 5 Pais e alunos assistem aulas juntos ao ar livre



**Fonte: Diário do Povo – 12 de abril de 1995 **Fonte: Arquivo da professora Vanessa

“A reportagem, as fotos, revelam as conquistas que vão além da aprendizagem escolar. Assim, o trabalho no dia a dia possibilitou minimizar os conflitos e ir ao encontro de novas possibilidades de convivência e crescimento.

4 “DE ENCONTRO” ou “AO ENCONTRO”? MAIS QUE UMA QUESTÃO GRAMATICAL...

É difícil defender só com palavras a vida (ainda mais quando ela é esta que vê, severina).

João Cabral de Melo Neto

Estava posta uma necessidade e a escola, as professoras, tinham que responder a ela... Deixar de atender os alunos? Não reivindicar os direitos? Segregar grupos distintos? Os caminhos possíveis eram muitos, porém dependiam do compromisso político e pedagógico dos envolvidos... com base naquilo que acreditavam as professoras e os dirigentes da escola, a escolha foi feita...

Em primeiro lugar, era necessário que aquelas crianças conhecessem quem eram, resgatassem sua identidade, se re-conhecessem no contato com o outro.

Assim, o trabalho desenvolvido pelas professoras das terceiras séries foi iniciado com o resgate da identidade, precisavam criar um clima para falar do outro, para conhecer sua origem, posteriormente, conhecer melhor a cidade e ainda propiciar ao aluno “descobrir” seu papel como cidadão dentro desse novo horizonte a ele apresentado.

Uma das formas encontradas pelas professoras foi mostrar a valorização do “Eu” através da confecção do “Livro Identidade”⁵ que ao final da sua confecção ia ser mostrado aos pais, para que pudessem conhecer melhor as demais crianças e interagir com o trabalho desenvolvido.

⁵ Material disponível para consulta na Biblioteca desta Unidade Escolar

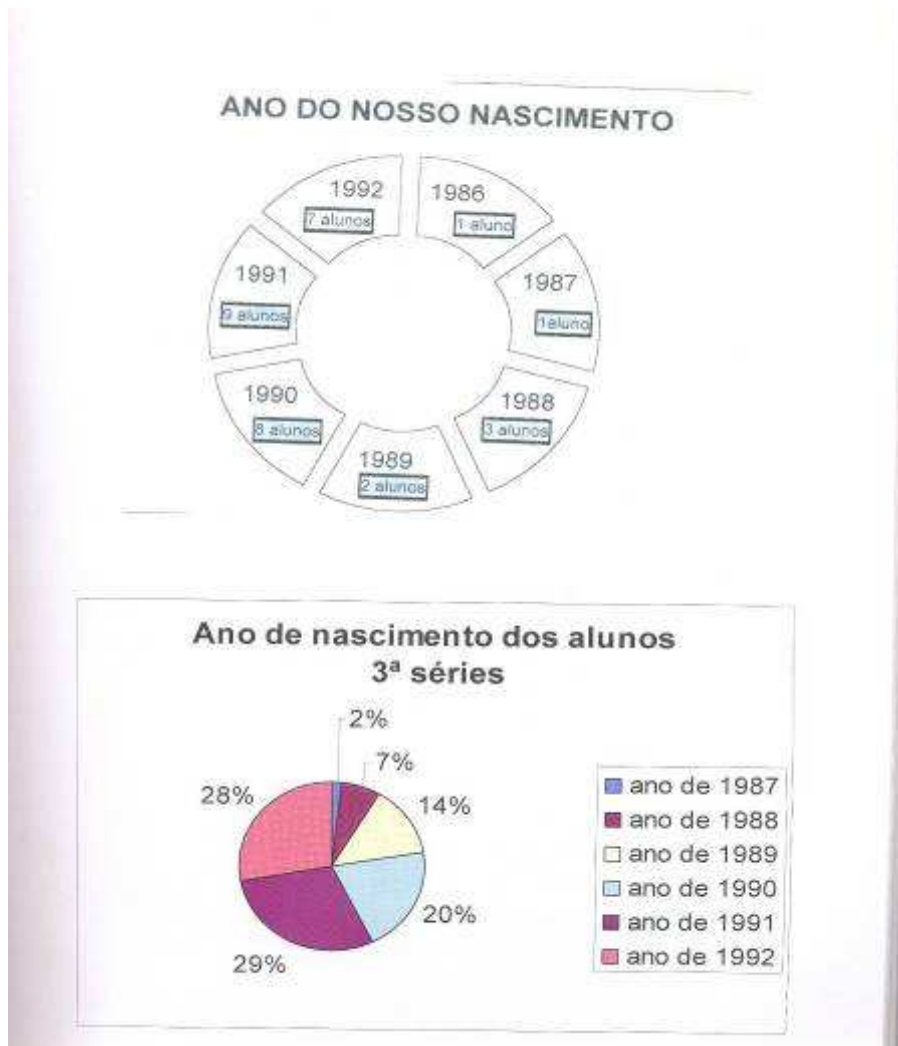
A professora Carol salienta que:

“Nos estudos de geografia, história, perceberam que muitos alunos vieram da Bahia e do Paraná, e que não eram sem-teto de Campinas, pois os estudos já davam indícios para essas análises e que a diferença de idade dos alunos novos comparados aos alunos que já estudavam nesta escola, ultrapassavam cinco anos de diferença entre os alunos na mesma série”.

Para recuperar a história de cada aluno, as atividades iniciaram-se com o desenho do auto-retrato, acrósticos e a produção da auto-biografia. “Nestes textos os alunos iam contando suas preferências, medos, sonhos e esperanças” disse a professora Carol.

Ainda de acordo com a professora Carol: “Na proposta de trabalho “Matemática e Minha Identidade” os alunos puderam trabalhar com a linguagem gráfica a partir de peso e altura, mês, ano e hora de nascimento”.

GRÁFICO 6 Pesquisa do 1º documento

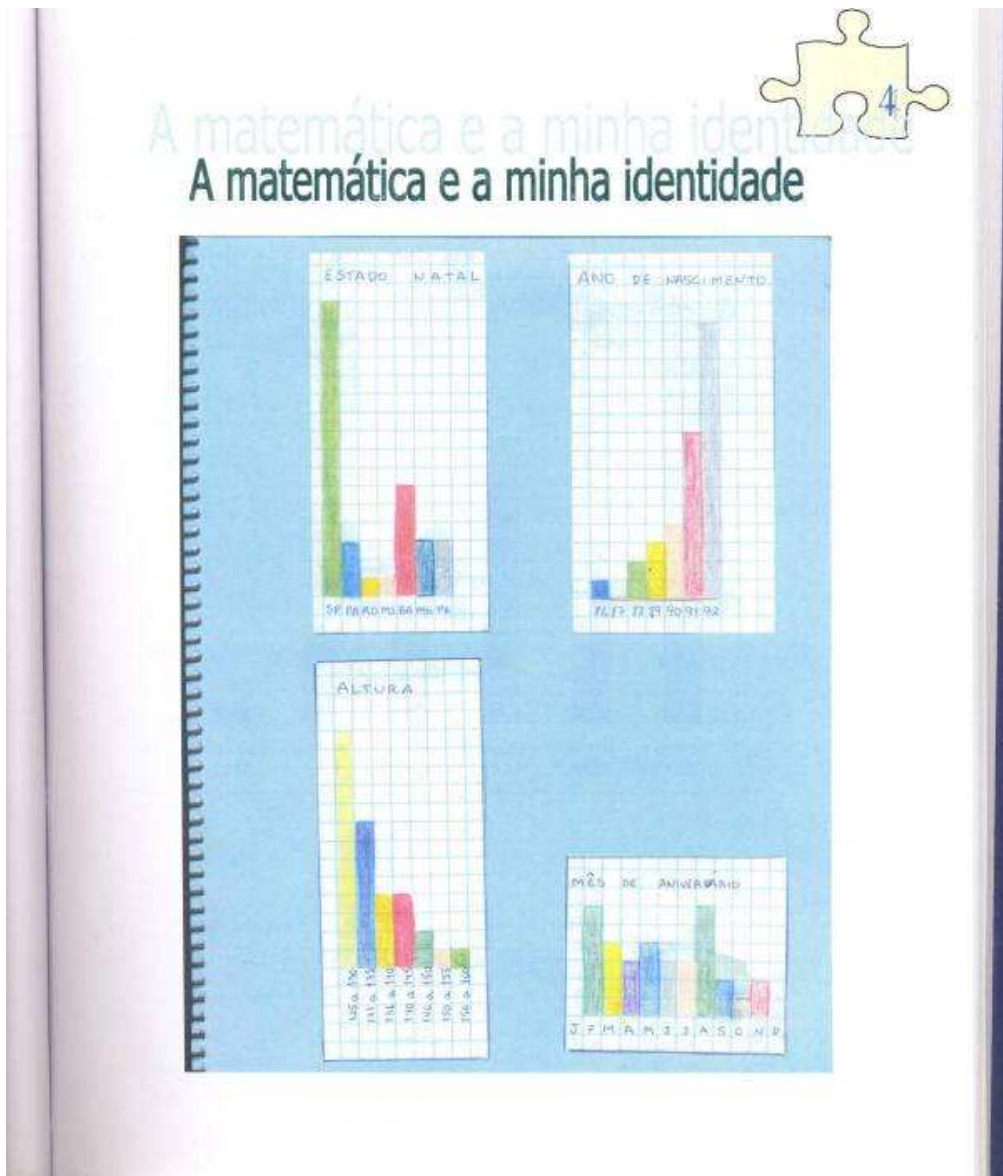


*Fonte: Arquivo da professora Carol

“Os dados coletados além de nos aproximar de fatos importantes para o trabalho pedagógico possibilitava que os alunos percebessem a existência da diversidade entre o mesmo grupo”, disse a professora Vanessa.

Os gráficos são resultados dos trabalhos “Matemática e Minha Identidade”, após a análise do registro de nascimento os alunos iam confeccionando individualmente um gráfico no papel quadriculado e posteriormente, para a exposição dos trabalhos, as professoras da classe passavam para o computador.

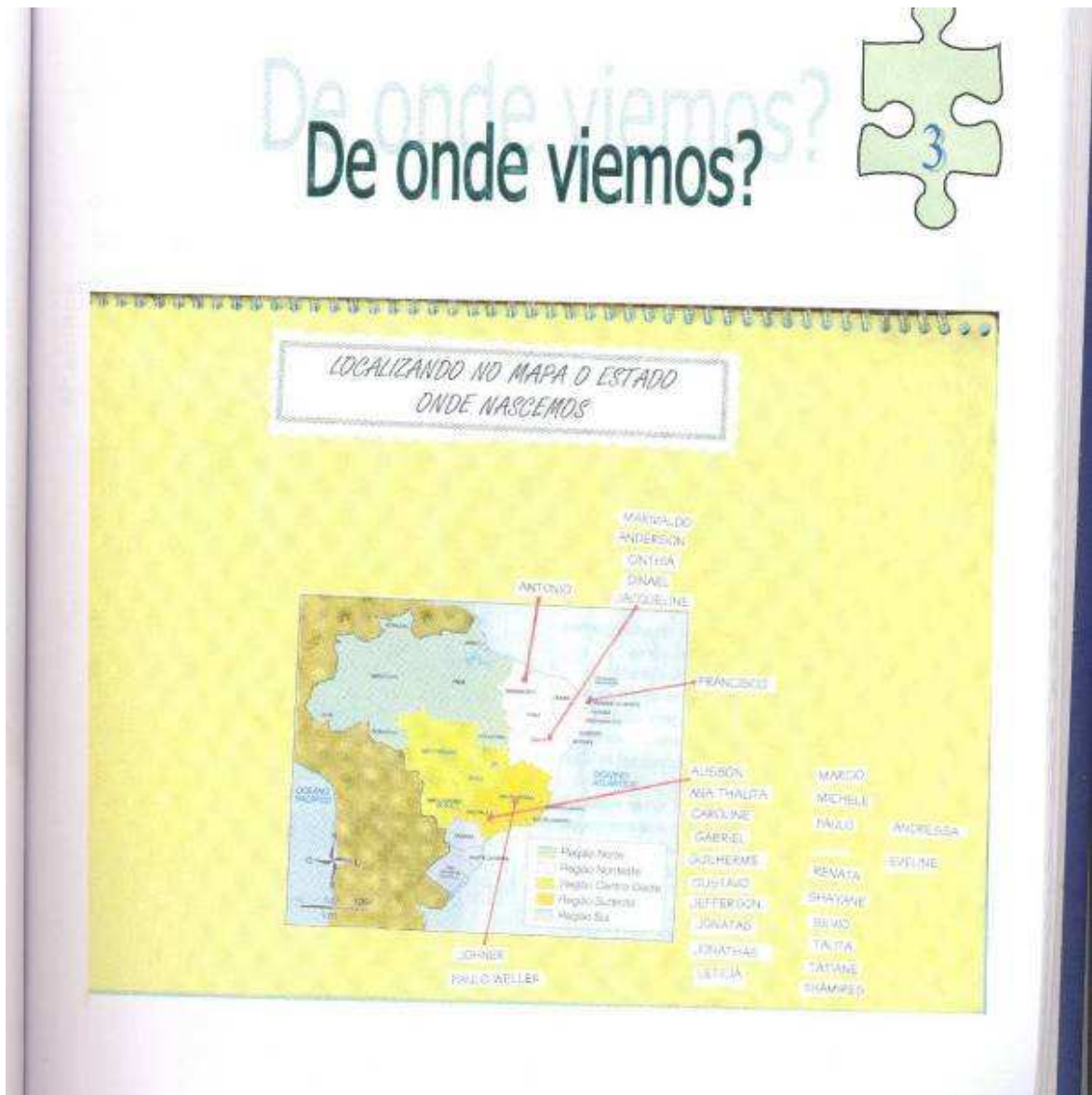
GRÁFICO 7 A Matemática e a minha identidade



*Fonte: Arquivo da professora Carol

“A partir daí, os alunos construíram conhecimentos matemáticos sobre os Estados de origem, ano de nascimento, altura e mês de aniversário”, contou-nos a professora Carol.

FIGURA 6 De onde viemos?



*Fonte: Arquivo da professora Susana

Como o grupo vinha de diferentes lugares do país, a partir de sua procedência, começaram a estudar geografia através da localização de mapas.

FIGURA 7 Quem sou eu?



*Fonte: Arquivo da professora Susana

Integrando as áreas de conhecimento os alunos foram coletando dados, trabalhando novas idéias e conceitos sempre através de suas histórias de vida: trabalhos com o nome, alfabetização, auto-estima, por meio de outros trabalhos.

Assim, com os dados obtidos a partir do “EU” os alunos passariam ao conhecimento do “NÓS”, e foram em busca de conhecer o bairro, a comunidade, a cidade, também, os outros, aqueles mais distantes de sua realidade local.

4.1 Estudo do meio

Era agora momento de compreender as dificuldades que surgiram no cotidiano e na tentativa de saná-las, as professoras propuseram aos alunos uma pesquisa de campo aos bairros onde eles residiam, com o objetivo de ampliar o olhar dos alunos em relação à comunidade, numa atitude de investigação e de busca de soluções para os problemas pesquisados.

A professora Vanessa ressalta a importância da participação da comunidade, em princípio, não nos trabalhos de sala de aula, mas durante o *boom* com a ocupação onde foram construídas mais três salas de aula de madeirite para atender a demanda de vagas. O poder público afirmou ser uma providência de emergência, mas durava quase três anos.

Ainda de acordo com a professora: “A direção da escola tinha a intenção de trazer a comunidade para dentro da escola para participar do pedagógico, mas os pais ainda não estavam prontos para essa participação”. E complementa:

“Primeiro os pais tinham a intenção de aproximar da escola, porém, para resolver os problemas básicos de infra-estrutura e esse problema de ordem estrutural, de ordem física acabou trazendo parte dos pais para dentro da escola, participando ativamente do trabalho pedagógico como no Conselho de Escola”.

Ao saber que a escola faria uma exposição para os pais de alunos e que os professores iam expor fatos e fotos marcantes realizados nesta escola, a mãe de um aluno pediu para escrever o relato⁶ que segue:

⁶ Transcrição do original, cuja cópia encontra-se no anexo 2.

Nos anos 80/90 nossa escola era toda gramada e tínhamos um parquinho, tínhamos também até duas salas de pré! Nossa escola era linda! Como é até hoje e passou por diversas reformas.

No início dos anos 90 as coisas mudaram nossa comunidade, aumentou e conseqüentemente o número de alunos. E onde iríamos colocar tantos alunos? A direção contatou a prefeitura reivindicando a construção de algumas salas de aula, pois as mesmas não conseguiam comportar tantos alunos.

A prefeitura na maior boa vontade construiu três salas de madeirite, que seria provisório, esse provisório durou mais ou menos uns três anos a ponto de prejudicar alunos e professores. Recordo que era uma briga, nem alunos, nem professores queriam ocupar as dependências das salas de madeirite, devido ao estado deplorável que se encontravam, sem contar as cobras, aranhas e escorpiões que encontrávamos no local. O cheiro de mofo era terrível e a prefeitura para esconder o local não aparava o mato que crescia ao redor.

A direção contatou a prefeitura para que tomassem as devidas providências, a mesma alegou não ter verbas para a construção de novas salas e que deveríamos nos contentar com os “barracões”, é como chamávamos as três salas.

Meu filho na época estudava na 1ª série e fazia tratamento, pois era muito alérgico e o tratamento não surtia resultado, pois ele estudava no barracão.

Fui falar com a direção que propôs mudar de sala, não aceitei, pois ele não era o único a ter problemas.

Num certo dia, já cansada de ficar com os braços cruzados, nos reunimos, eu e várias professoras: Vanessa, Susana, Carol, Maria Alda, Maria do Céu, Marluce, Renata, Rosa, Lenir, Bete, Célia e Lucia, me perdoem se não recordo o nome de todas, para tomarmos algumas atitudes e que direção iríamos tomar.

A partir desse momento, nossas reuniões não podiam acontecer mais na escola, passamos a nos reunir no salão da Igreja Católica do bairro. Nem por isso desanimamos, nossas forças só aumentaram, recordo-me da dedicação de todos os professores, mas uma em especial, que deixava sua filha com problemas de saúde para se reunir conosco, a Maria Antonia.

Fomos à Prefeitura Municipal, e dirigimo-nos para o gabinete do Secretário da Educação em busca de uma solução, e nada aconteceu.

Alguns pais que participaram deste movimento, fecharam a entrada da escola, não deixando os alunos entrarem na escola. Esse manifesto durou vários dias, até que “eles” entenderam que não estávamos para brincadeira e resolveram atender nossa “petição” e para alegria de todos, as “trigêmeas” foram finalmente construídas.

A coisa não parou por aí, após alguns meses, tivemos problemas com a piscina por falta de manutenção. A piscina passou a ser hospedeira do mosquito da dengue, inclusive tivemos alguns casos sérios na Unidade Escolar.

Novamente contatamos os órgãos competentes e obtivemos a mesma resposta que já tínhamos ouvido, que a prefeitura não tinha verbas para manter a piscina e a única solução seria aterrá-la. Infelizmente, foi o que aconteceu, nossa piscina realmente foi aterrada e com ela, os grandes momentos de lazer de nossas crianças.

Dos anos 90 para cá, houve muitos fatos históricos que nos marcaram, porém decidi citar somente esses dois fatos porque contaram com a participação direta das professoras.

Dedico este relato em homenagem a todas as professoras que contribuíram em cada luta, mostrando que com união tudo é possível, pois vivemos em um país em plena democracia, e não devemos cruzar os braços mediante situações que parecem difíceis, mas estar sempre unidos em busca de um futuro melhor.

Guardo também na lembrança o esforço de cada um dos pais que se esforçou para conseguirmos alcançar todos os nossos objetivos até o presente.

Agradeço a todos eles: Djalma, Elias, Atila, Luna, Túnica, Prata, Pinha, Petra, Gercina, Marla e Rosalina.

Um novo núcleo residencial foi sendo formado no entorno da escola conforme o relato a seguir, extraído do texto elaborado pelos alunos da 3ª série após a visita de dona Joana, avó de Antonia, no dia 28 de março de 2001:

No final do ano de 1988 algumas pessoas invadiram os terrenos onde hoje é esse bairro. Lá havia bananeira e pés de café, que foram derrubados para darem lugar a pequenas casa de madeira.

As pessoas demarcaram os terrenos e passaram a viver lá sem nenhuma infraestrutura, não havia luz, água encanada, rede de esgoto, asfalto, etc. Precisavam buscar água num antigo reservatório da SABESP.

Os moradores em contato com a prefeitura, conseguiram com que os terrenos fossem legalizados.

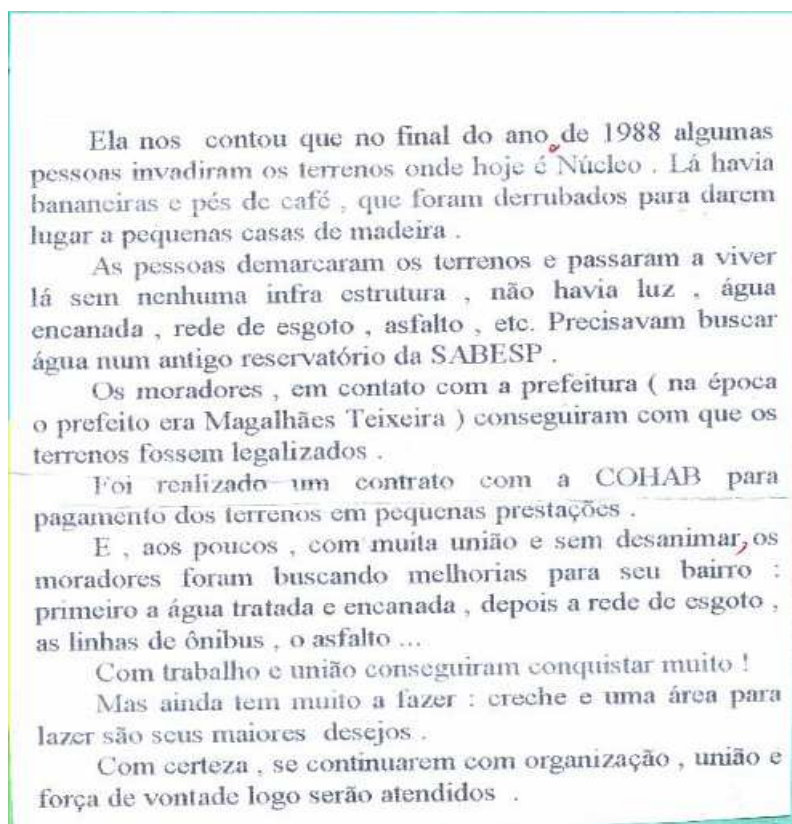
Foi realizado um contrato com a COAB para pagamento dos terrenos em pequenas prestações.

E, aos poucos, com muita união e sem desanimar, os moradores foram buscando melhorias para o seu bairro: primeiro a água encanada, depois a rede de esgoto, as linhas de ônibus, o asfalto.

Com trabalho e união conseguiram conquistar muito!

Mas ainda tem muito a fazer: creche e uma área para lazer são seus maiores desejos.

FIGURA 8 Entrevista feita pelos alunos da 3ª série com a líder do movimento de ocupação

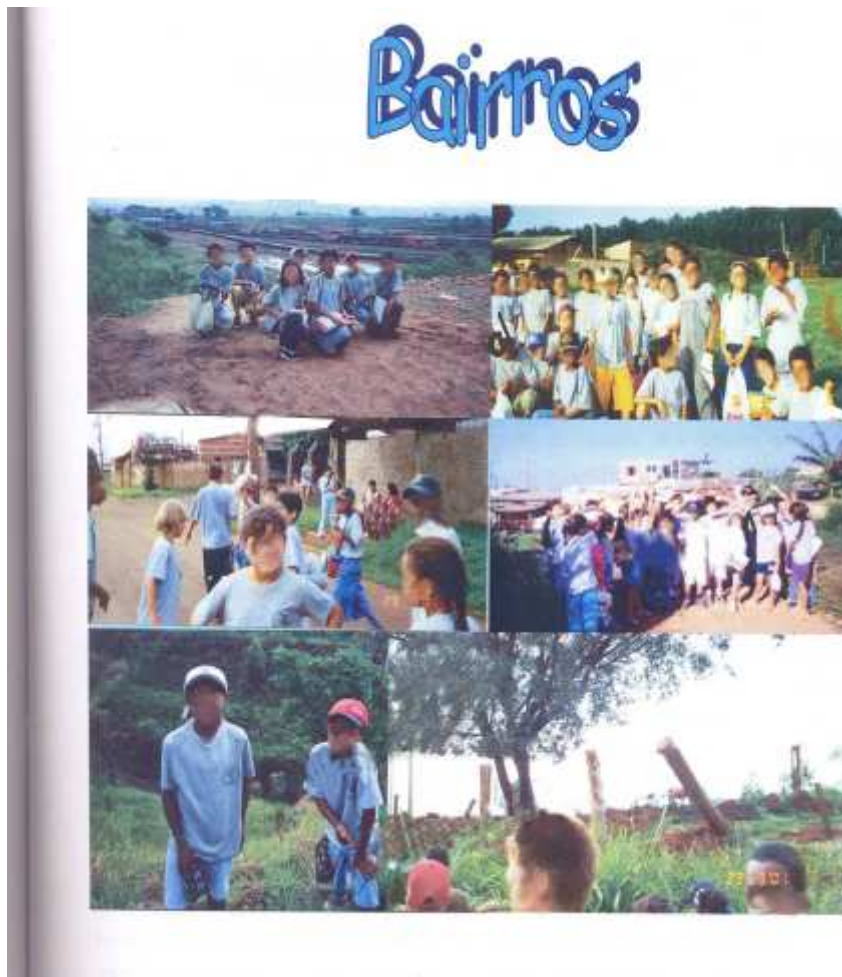


*Fonte: Arquivo pessoal da professora Suzana

Segundo a professora Vanessa, as seis classes de 3ª séries fizeram um levantamento preliminar dos bairros existentes próximos da escola. Na medida em que os alunos iam trazendo essas informações preliminares sobre o bairro coletadas com os pais, em casa, iniciava-se a elaboração do roteiro para ir a campo.

As imagens a seguir foram registradas durante a realização do trabalho pelos alunos. A partir delas, pode-se verificar a situação dos bairros visitados.

FIGURA 9 Registro Da Pesquisa Realizada Pelos Alunos Nos Bairros Atendidos Pela Escola



*Fonte: arquivo pessoal da professora Susana

A professora Vanessa disse ainda que: “As crianças foram separadas por grupos de acordo com a classe. Cada classe escolheu dois bairros para desenvolver a pesquisa”. E complementa: “No meu caso foram dois bairros bem distintos, um bairro já estruturado, o mais antigo do local e outro, recém formado para ajudar a perceber as diversidades existentes”.

Ainda segundo a professora, todas as seis salas de terceiras séries saíram a pé e prancheta na mão, mochila nas costas e cantando a música *Se essa rua fosse minha* para coletar todas as informações, observações e impressões relevantes para posterior registro e análise dos dados coletados.

FIGURA 10 Bairro legalizado



*Fonte: Arquivo pessoal da professora Susana

A seguir, transcrevemos algumas falas presentes nas produções sobre um bairro legalizado:

“O bairro tem muitas igrejas e casas para alugar.”

“Precisamos de padaria e farmácia. Farmácia tinha, mas faliu.”

“As casas são numeradas de dez em dez”.

“Há sinalização no chão e as placas são penduradas nos fios: algumas escritas errado”.

“Quando chegamos perto da minha casa, a professora perguntou para a minha mãe se tinha café. Eu pensei: “Vai acabar o café!”

*Fonte: arquivo pessoal da professora Susana

A seguir, transcrevemos algumas falas presentes nas produções sobre um bairro não legalizado:

“Este bairro é muito pobre. Está cheio de casa abandonadas, cheio de mato e sem asfalto. Um bairro assim precisa de uma limpeza completa, mas o prefeito nem liga para isso. Não adianta

reclamar. Às vezes passa máquina e a rua fica mais esburacada ainda”.

“O trem buzinou para gente e duas mulheres que estavam na linha do trem disseram que lá não muda nada! Fio com gambiarra, água de esgoto correndo pelas ruas, lixo no chão”.

“Também vimos um cartaz da C.P.F.L. avisando que haveria uma reunião para não ligarem luz clandestina.”

De acordo com a professora, a música “Se essa rua fosse minha” já tinha sido analisada e cantada em sala de aula e assim, os alunos foram observando tudo: tipo de moradias, pontos comerciais e industriais, condições de saneamento básico, de transporte, sinalização, preservação do meio ambiente. Fizeram entrevistas com pessoas que estavam indo embora do bairro, anotaram as reivindicações, entre outros aspectos.

“Os alunos puderam mostrar onde moravam, visitar a casa dos colegas de classe, passar informações que tinham sobre o local, colher outras informações através de entrevistas com moradores, comerciantes e lideranças de bairro”, disse a professora Vanessa.

Segundo a professora Vanessa: “Quando os alunos voltavam para a sala de aula faziam o relatório do que foi visto, das entrevistas que haviam sido feitas com funcionários, moradores antigos do bairro, com a líder da comunidade”.

Assim, a análise dos dados coletados eram utilizada para a construção de conhecimentos de matemática, língua portuguesa, ciências, história e geografia complementados com o currículo proposto. A análise desses dados resultava em produção de textos, relatórios, revelação e discussão de fotos tiradas durante as pesquisas, escritas individuais e exposição em grupos.

“A partir da socialização dos textos os alunos iam confrontando semelhanças e diferenças, levantando possíveis soluções, construindo o conhecimento. Para as crianças o estudo do meio teve muito valor”, ressalta a professora Vanessa.

Ainda de acordo com a professora Vanessa:

“Houve várias discussões que envolveram assuntos sobre a falta de lazer no bairro, compreensão do porque das igrejas estarem aumentando, os alunos perceberam que a violência tem levado as pessoas a abandonarem o bairro, o que acaba diminuindo o número de comércio, perceberam a omissão do poder público em alguns casos, mas em outros, a preocupação em proporcionar melhores condições de vida”.

FIGURA 11 Bairro não legalizado



*Fonte: Arquivo da professora Susana

“Para conhecer outros bairros das imediações os alunos entrevistaram os pais e traziam novas informações para a sala de aula que se somavam às informações coletadas nos bairros”, disse a professora.

A professora ressalta que:

“Os alunos observaram que o bairro onde a escola está situada embora fosse antigo não está tão bem estruturado quanto poderia, como outros provenientes de ocupações, onde há um trabalho dos coordenadores do bairro”, e os mais recentes precisam de muitas melhorias. Concluíram que somente com a união dos moradores dos bairros é que muitos problemas serão solucionados”.

“A partir desses estudos, o grupo foi se conhecendo, respeitando o modo de vida de cada um e as pesquisas foram acontecendo sempre procurando desenvolver a responsabilidade com o próprio corpo e com os espaços que habitam”, disse a professora.

Esses materiais produzidos pelos alunos foram divulgados em exposições para os próprios colegas. A professora disse que: “com essas atividades estávamos oferecendo aos alunos oportunidades para uma aprendizagem mais significativa e dotada de finalidade”.

“Fomos desenvolvendo um trabalho de socialização das informações entre as classes e isso possibilitou uma aprendizagem mais contextualizada e garantiu um novo espaço de interação e respeito às diferenças sociais”, ressaltou a professora Carol.

Em seu depoimento, a professora Vanessa diz que esse projeto serviu de “ponto de partida para criarmos um vínculo com as crianças e com os pais, porque percebíamos que não adiantava trabalhar somente com os alunos, o envolvimento com os pais e os pares era muito importante”.

Neste trecho sobre os resultados dos trabalhos de campo a professora Vanessa salienta que:

“No desenvolvimento da pesquisa os alunos passaram a sentir a importância do relato oral e escrito com coerência e coesão, pois na volta à sala de aula, os alunos elaboravam os relatórios sobre

o que era visto por eles, e assim ampliavam a compreensão do processo de funcionalidade da escrita, e também os conceitos matemáticos tornavam-se mais significativos ao serem relacionados com situações-problemas, vivenciados a partir dos estudos de campo e os vínculos de amizade começaram a aparecer entre eles, diminuindo assim os conflitos”.

Ainda nesse sentido, a professora Carol relata que muitos momentos vividos pelas professoras transformaram-se em preciosas lembranças, como também tiveram a presença de algumas funcionárias da escola que ainda moram nesses bairros e conhecem bem as histórias de cada bairro e puderam contá-las aos alunos. Ressalta ainda que: “Foi muito importante esse encontro dos moradores antigos com os alunos, além de momentos agradáveis, os alunos perceberam o quanto eles tinham a ensinar”.

A professora Vanessa relatou que:

“Depois de registradas a história de vida de cada um, da família e o entorno da escola mostrando principalmente a importância das relações humanas para o conhecimento e intervenção do meio, o estudo foi ampliado para o universo do município. O estudo foi intensificado com a ida à ferroviária, rodoviária, aeroporto da cidade e também a uma indústria, passeios financiados pelas professoras, através de bazares e recursos próprios”.

Ainda de acordo com professora Vanessa, o estudo do meio deu subsídios para vincular a pesquisa com os conteúdos propostos à série, como discussões sobre imigração e suas causas, de acordo com a história de vida de cada família, as diferenças entre zona urbana e zona rural, e ainda segundo as experiências dos pais, os tipos de trabalhos na região metropolitana de Campinas.

Os estudos sobre imigração culminaram com a visita à rodoviária onde cada aluno tinha que escolher um lugar para onde gostaria de ir ou retornar. A partir dessa escolha, os alunos iriam pesquisar os dados necessários para realizar a hipotética viagem”. Sobre a ida à rodoviária, a professora revela que:

“Nessa pesquisa ocorreram muitas surpresas: conforme os alunos iam tentando se localizar, percebiam que não existia “guichê” com o nome de Bahia nem Itália, assim pudemos abordar conceitos de Estado – capital – país. Os alunos comparavam preços, enfim, entenderam as suas necessidades e passaram a buscar soluções, através de entrevistas com funcionários, observando o comércio interno e o tipo de prestação de serviço que a rodoviária oferece aos seus usuários e estabelecendo relações com os conhecimentos adquiridos em matemática, geografia”.

“Fica difícil descrever como os alunos se entusiasmaram. Primeiro, porque foram muito bem recebidos na rodoviária e principalmente porque o centro de interesse deles era muito grande”, disse a professora.

Em relação à pesquisa feita no aeroporto a professora Vanessa comenta que:

“Na verdade, nós professoras aprendemos muito, o que julgávamos ser óbvio para os alunos, não o era. As crianças demonstraram interesses por locais inimagináveis e buscaram o conhecimento em situações jamais sonhadas. Fomos descobrindo um universo enorme a ser trabalhado”.

De acordo com as professoras entrevistadas, ambas acreditavam que o aeroporto seria o local preferido das crianças, mas não foi, porque as pessoas se negavam a responder a pesquisa dos alunos, e ao perceberem que eram “invisíveis”, passaram a chamar a atenção por meio de atos de indisciplina, fato que não havia ocorrido em outros estudos do meio.

Ainda de acordo com as professoras, esses estudos despertaram outras pesquisas, outros estudos do meio, como ao centro histórico da cidade de Campinas ou conhecer *in loco* o Sistema de Captação de Água do rio Capivari, do Atibaia e a ETA 1. Tais visitas permitiram uma tomada de consciência do papel de cada um na preservação do ecossistema, gerando uma nova proposta de trabalho sobre lixo e reciclagem, proposta que despertou interesse por ser a coleta de material reciclável a forma de sobrevivência de alguns moradores do bairro.

Segundo as professoras, o trabalho sobre reciclagem despertou na prática uma integração com as outras séries para realizar a coleta de todas as folhas de cadernos inutilizadas. Em sala de aula, foram realizadas oficinas para reciclagem do papel, o que direcionou os estudos para o tema das plantas.

“No coletivo, fomos buscando a unidade escolar, garantindo espaços para o diálogo, socialização e busca de soluções para as dificuldades e diferenças que surgiram no cotidiano. Entre erros e acertos fomos construindo nossas práticas pedagógicas”, comenta Professora Vanessa.

As professoras entrevistadas salientam no livro produzido por elas anos posteriores, que:

“Durante quatro anos, inúmeras atividades foram construídas, atividades que estiveram presentes nas exposições escolares, em cada gesto, em cada professora, em cada família e sobretudo em cada criança que as vivenciou. Cada casa guarda, certamente, com imenso carinho um pedaço do que pudemos construir naquela época”.

A professora Vanessa ressalta que:

“Na pesquisa científica desenvolvida na Universidade, no curso de Pedagogia, nós íamos fazendo recortes até chegar ao objeto de pesquisa. Na prática, na pesquisa com os alunos não acontecia desta forma, o leque ia se abrindo a partir da realidade dos alunos de uma forma grandiosa. Outros olhares iam aparecendo, outros problemas surgindo que requeriam outras pesquisas como prática no cotidiano e não como pesquisa temporal, pontual.”

Depois de alguns anos, esse grupo de professoras de terceiras séries sentiu a necessidade de registrar a trajetória percorrida. “A cada ano chegava à escola professores novos que desconheciam a realidade daquela comunidade”, disse a professora Vanessa. E complementa: “além da questão da importância de garantir a autoria de todo trabalho de pesquisa”.

Em 2003, os professores de 5ª a 8ª séries desenvolveram o mesmo tema de pesquisa a partir do Projeto “Ciência na Escola” e os professores do ensino fundamental (1ª à 4ª séries) não puderam dar sua contribuição porque só tomaram conhecimento ao final do trabalho.

Ao tomar conhecimento do Projeto “Ciência na Escola” duas professoras do grupo de terceiras séries, resolveram participar deste projeto.

4.2 INSERÇÃO NO PROJETO “CIÊNCIA NA ESCOLA – PRIMEIROS PASSOS” COMO FORMALIZAÇÃO DO TRABALHO COM PESQUISA

De acordo com a professora Vanessa, a região onde está situada esta escola vinha sofrendo, desde 1989, ocupações de terrenos resultando atualmente mais de vinte núcleos residenciais em terras pertencentes à Rede Ferroviária Federal.

Durante estes anos foram muitas as iniciativas de aproximação entre escola e comunidade. Em 1995 pais e professores se uniram para reivindicar melhorias na estrutura física da escola e nos anos de 1999 a 2002 um grupo de seis professoras de terceiras séries desenvolveram seus trabalhos buscando aproximar os conteúdos escolares à vivência dos alunos, tornando-os mais significativos, mantendo a comunicação com a comunidade, realizando “estudos do meio”, indo com os alunos até os núcleos de ocupação, discutindo conquistas e dificuldades que enfrentavam e chamando moradores para contar suas experiências. Assim, as mudanças que ocorreram na unidade e no seu entorno provocaram reflexões na busca constante de melhor trabalhar os conteúdos e da metodologia a ser utilizada.

“Por acreditar que a pesquisa é fundamental para tornar a aprendizagem mais significativa, enfrentamos o desafio de “educar para a pesquisa”, disse a professora Vanessa. E complementa: “a proposta era criar um ambiente de aprendizagem para desenvolver a autonomia dos alunos e a nossa própria”.

Assim, no ano de 2003, as professoras tomaram conhecimento do projeto “Ciência na Escola”, e se mostraram interessadas, “percebemos que a participação neste projeto contribuiria para a melhoria de nosso trabalho e se somaria às experiências que já havíamos desenvolvido, dando-nos suporte teórico e instrumental”, salientou a professora Vanessa.

O projeto “Ciência na escola” é desenvolvido pelo Laboratório de Educação e Informática Aplicada da Faculdade de Educação da Unicamp. Foi elaborado em

1996 e implementado em 1997 envolvendo professores e alunos pesquisadores da universidade.

Segundo Garcia (2002) o projeto “Ciência na Escola” tem como meta:

Oferecer condições para que os professores da rede pública municipal possam desenvolver projetos de ensino e pesquisa juntamente com os alunos, visando a formação de massa crítica de pesquisadores e despertando vocações para as ciências.

Ainda de acordo com a autora o projeto “Ciência na Escola” insere-se na linha Ensino Público da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Essa linha de atuação, iniciada a partir de 1996, abriu a possibilidade de financiamento e desenvolvimento de pesquisas por profissionais de escolas públicas, níveis fundamental e médio, ao contrário do que se tinha até então, que era o amparo a pesquisas, apenas, no ensino superior, com as escolas públicas estaduais e municipais.

Este projeto previa uma bolsa-auxílio ao professor que, por isso deveria dedicar 20 horas-aula semanais de seu tempo, incluindo nessas horas o trabalho com alunos dentro e fora da sala de aula, horário para reuniões de estudo na universidade e na escola com seus pares, tempo para elaboração de registros da sua prática e elaboração dos relatórios de pesquisa, orientação aos alunos dentre outras atividades que iriam se configurando ao longo do projeto.

De acordo com a professora Vanessa, a proposta inicial do projeto “Ciência na Escola” era para ser desenvolvido somente com alunos e professores de 5^a a 8^a séries, porém foi aberto às séries iniciais, com os primeiros passos para a pesquisa, e tinha como objetivo principal enfrentar o desafio de “educar para a pesquisa”. A proposta era criar uma ambiente de aprendizagem onde se podia desenvolver a autonomia dos alunos e a das professoras.

Ainda de acordo com a professora Vanessa o projeto “Ciência na Escola - Primeiros Passos” foi desenvolvido nesta escola durante o ano letivo de 2004 e fizeram parte do projeto duas professoras de terceiras séries com trinta e três

alunos cada uma, moradores de diferentes bairros próximos da escola, com idade entre 9 e 14 anos.

“Para que a pesquisa tornar-se conhecida por toda a unidade escolar as professoras divulgavam os trabalhos realizados durante reuniões e através de exposições em eventos escolares e comunidade familiar”, disse a professora.

De acordo com a professora o trabalho foi iniciado em maio propondo aos alunos um trabalho de pesquisa, “sentindo a “alegria” da turma diante da proposta, questionamos: “O que é pesquisar?”, disse a professora.

FIGURA 12 Respostas dos alunos sobre o conceito de pesquisa:

“Acho que pesquisa é descobrir alguma coisa.”

“A gente pesquisa na rua, na escola, as placas, as plantas.”

“Pesquisar” para mim é estudar o que você vai pesquisar. Por exemplo: você vai pesquisar a natureza. Você tem que recolher dados, senão não é pesquisa.”

*Fonte: Arquivo da professora Susana a partir de material confeccionado pelos alunos das duas terceiras séries

“Após várias conversas sobre o assunto e cada aluno expor o que sabe, foram buscar mais informações nos dicionários e descobriram as diversas definições de “pesquisa” ampliando mais o conceito”, disse a professora disse a professora Vanessa. E complementa:

“Socializamos as hipóteses levantadas, exploramos as diferentes definições que surgiram entre os alunos e posteriormente confrontamos com as definições dos dicionários, através de consulta na biblioteca”.

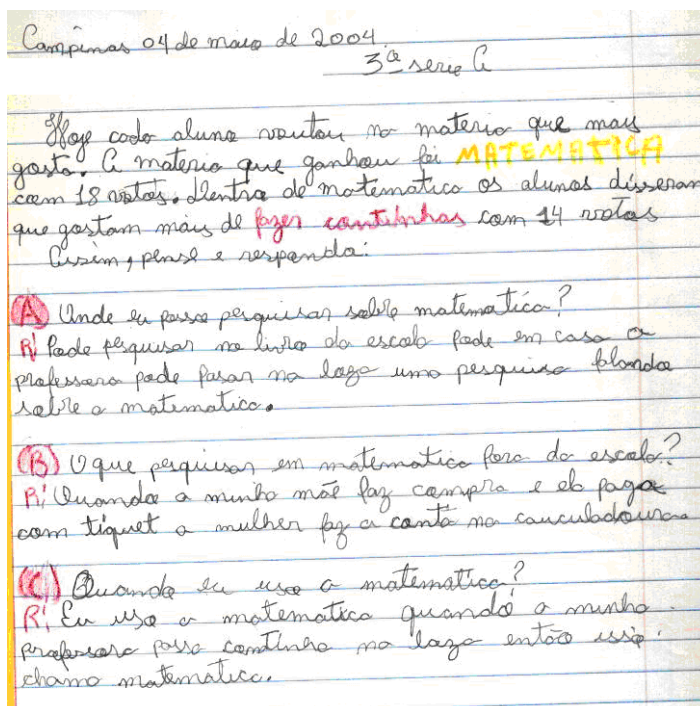
Ainda de acordo com a professora, os alunos aceitaram o “desafio da pesquisa”. Foi feito um levantamento sobre a área de estudo que mais interessava aos alunos e para ajudar a delimitar a área de pesquisa, as

professoras das duas terceiras séries iniciaram o levantamento através de entrevistas perguntando quais eram as matérias que os alunos mais gostavam e também qual era a matéria que tinham mais dificuldades para aprender.

O resultado obtido pela coleta de dados foi bastante curioso, disse a professora Vanessa:

“Trinta e oito alunos escolheram a área de matemática, pois era a matéria que os alunos mais gostavam e que tinham mais dificuldades para aprender, em segundo lugar ficou a área de português escolhida por apenas 10 alunos, História e Geografia foram citadas por nove alunos e a área de Ciências foi citada somente por três alunos (foram pesquisados os alunos das duas classes ligadas diretamente ao projeto num total de sessenta)”.

FIGURA 13 Relato sobre o uso da matemática

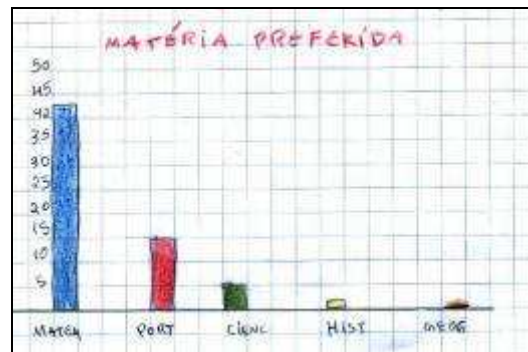
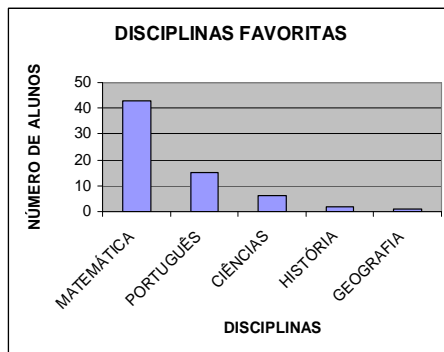


*Fonte: Arquivo da professora Susana a partir de material confeccionado pelos alunos das duas terceiras séries.

Com o resultado do levantamento, o tema escolhido foi “Matemática no cotidiano, um exercício de cidadania”. O tema foi apresentado para a equipe de

professores da Unicamp. A professora Vanessa relata que, segundo sua percepção, no início a pesquisa não era a “menina dos olhos de ninguém”, pois não se tratava de um tema de visibilidade e/ou temas mais “próprios” para a área de ciências como plantas, animais, meio ambiente.

GRÁFICO 8 Disciplinas favoritas dos alunos de duas 3ª séries



*Fonte: Arquivo da professora Suzana a partir de material confeccionado pelos alunos das duas terceiras séries.

Após alunos e professoras delimitarem matemática como a área a ser trabalhada, foram levantados quais eram os conceitos que os alunos tinham sobre a matemática.

Os questionamentos foram os seguintes:

1. Onde eu posso pesquisar sobre matemática?
2. O que pesquisar em matemática?
3. Quando eu uso matemática?

FIGURA 14 Respostas dos alunos sobre onde, o que e quando pesquisar Matemática:

“Eu posso pesquisar matemática na calculadora, nos livros, em vários livros, etc”.

“Uso quando eu faço continhas”.

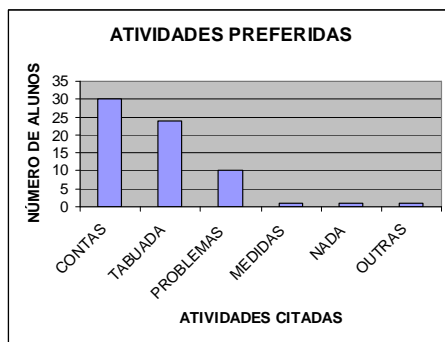
“No livro de matemática. Eu uso matemática para fazer a lição”.

“Eu uso matemática quando a minha professora passa continha na lousa, então isso chama matemática”.

“Quando eu preciso ou quando eu vou à escola e a professora coloca na lousa”.

*Fonte: Arquivo da professora Susana a partir de material confeccionado pelos alunos das duas terceiras séries.

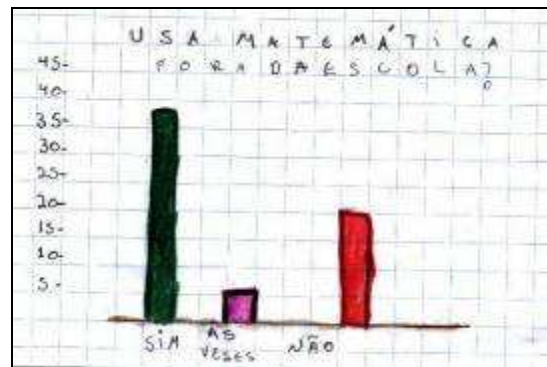
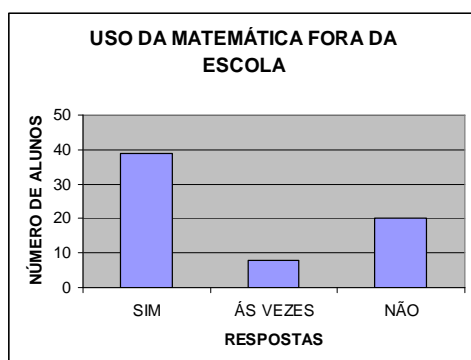
GRÁFICO 9 Atividades preferidas dos alunos em matemática



*Fonte: Arquivo da professora Susana a partir de material confeccionado pelos alunos das duas terceiras séries.

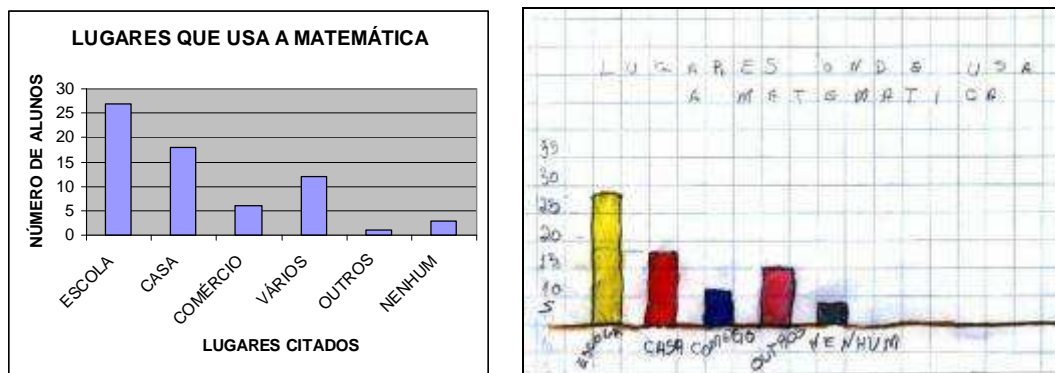
A seguir, alguns resultados destes levantamentos são apresentados, em gráficos elaborados pelas professoras e alunos das duas 3ª séries envolvidas no projeto.

GRÁFICO 10 Usos da matemática fora da escola



*Fonte: Arquivo da professora Suzana a partir de material confeccionado pelos alunos das duas terceiras séries.

GRÁFICO 11 Lugares que o aluno usa matemática.



* Fonte: Arquivo da professora Suzana a partir de material confeccionado pelos alunos das duas terceiras séries.

As professoras elaboraram um informe com o objetivo de envolver a comunidade escolar em todas as fases do projeto, para tomarem conhecimento do trabalho e para se inteirar dos caminhos que as professoras pretendiam trilhar, dos objetivos que tinham e até para obter “dicas” e para participarem ativamente do trabalho ao longo do ano.

No informe, as professoras esclareciam que “o objetivo central do projeto *“Ciência na Escola – Primeiros Passos”* era a formação do aluno pesquisador que, no processo de investigar problemas de seu cotidiano por meio da metodologia científica se apropriava do conhecimento e fazia uso dele em situações do cotidiano e pediam a participação dos pais incentivando e valorizando os trabalhos de pesquisa de seus filhos”.

De acordo com a professora Vanessa, o material utilizado para a pesquisa era fornecido pela Unicamp, como: filmes, filmadora, calculadora, balança, fita métrica, termômetro, enfim era “o sonho de consumo”, material para pesquisa não faltava e alguns materiais eram trazidos pelos alunos. Assim, partiam para a pesquisa experimental de acordo com o plano de aula e, no final dos trabalhos de campo, os alunos expunham oralmente suas experiências. Os registros eram feitos através de desenhos, relatórios individuais, em duplas ou pequenos grupos, e com o uso do computador. A professora disse que: “os alunos mais se empenhavam e demonstravam maior atenção na atividade quando iam ao computador”.

Um exemplo de uma atividade realizada pelos alunos e citada pela professora Vanessa foi a ida ao supermercado do bairro. O objetivo dessa atividade era buscar respostas para outros questionamentos que surgiram nas pesquisas realizadas no primeiro semestre: os conceitos de medidas, de distância, peso, validade.

Para ampliar esses conceitos, os alunos elaboraram uma lista de compras coletivamente e a partir dela colecionaram embalagens para análise de diferentes medidas de massa, pesando e conferindo produtos com os dados das embalagens; medidas de capacidade, através de copo medidor para trabalhar concretamente estes conceitos e o sistema monetário brasileiro, estimativa e pesquisa de preço.

Apresentamos na tabela abaixo uma das atividades realizadas pelos alunos:

FIGURA 15 Lista de compras dos alunos

Nome do produto	Marca	Unidade de medida	Preço	Matéria prima
Chocolate	Morandino	200 GRs	R\$ 3,28	cacau = vegetal
Leite condensado	Mace	395 GRs	R\$ 2,10	leite = animal
Fermento	Royal	100 GRs	R\$ 1,65	químico
Açúcar	Unisco	1 kg	R\$ 1,39	Canas = vegetal
Trigo	Alama Benta	1 kg	R\$ 1,39	Trigo = vegetal
Fubá	Yopl	500 GRs	R\$ 1,10	milho = vegetal
Leite	Santate	1 litro	R\$ 1,25	leite = animal
Óleo	Solero	900 ml	R\$ 2,19	soja = vegetal
Ovos		6 unidades	R\$ 0,90	ovos = animal
Margarina	Alarumano	500 GRs	R\$ 2,95	Óleo = vegetal

*Fonte: Arquivo da professora Suzana a partir de material confeccionado pelos alunos das duas terceiras séries.

De acordo com a professora Vanessa, as pesquisas continuavam, “um assunto puxava outro”: das pesquisas bibliográficas aos estudos de análise da “pirâmide alimentar”, ao preparo de um bolo de chocolate, ao consumo de produtos industrializados.

Falando sobre alimentos, “a classe concluiu que a maioria dos brasileiros come o que tem na cesta básica por uma questão de poder aquisitivo e cultural, porque cada região tem uma constituição de referência para cesta básica”, salienta a professora.

A partir dessas discussões os alunos elaboraram e responderam a uma pesquisa de opinião sobre a “cesta básica”.

Apresentamos a seguir três atividades que ilustram a busca dos questionamentos iniciais dos alunos sobre conceito, número de itens, o custo de uma cesta básica:

FIGURA 16 Pesquisa de opinião sobre “Cesta Básica”

Conclusão da Pesquisa sobre Cesta Básica

1) O que é cesta básica?

- alimentação barata
- mini compra
- ajuda de custo
- alimento necessário para sobrevivência
- cesta com alimentos

(Causa)

2) Quanto itens?

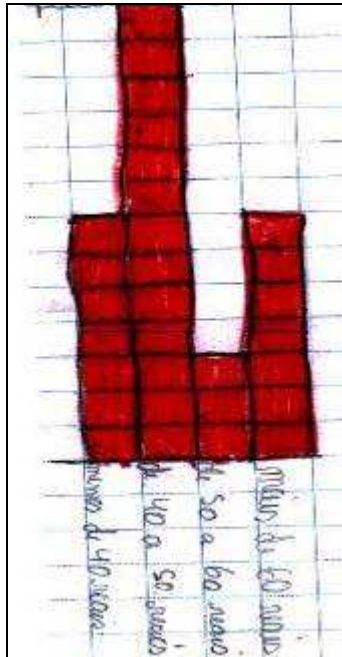
- menos de 20
- de 20 a 30
- de 30 a 40
- mais de 40
- não sei

3) Quanto custa?

- menos de R\$ 10,00
- de R\$ 10,00 a R\$ 20,00
- de R\$ 20,00 a R\$ 30,00
- mais de R\$ 30,00

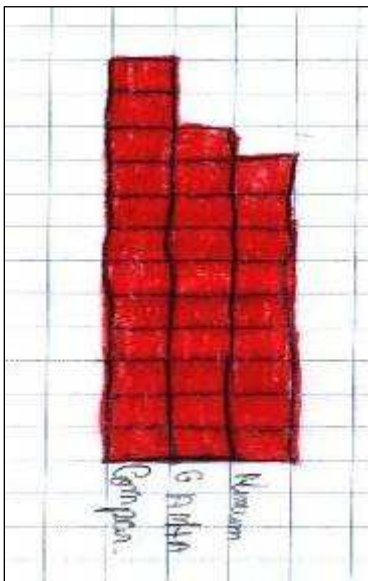
*Fonte: Arquivo da professora Suzana a partir de material confeccionado pelos alunos das duas terceiras séries.

GRÁFICO 12 Custo da cesta básica



*Fonte: Arquivo da professora Suzana a partir de material confeccionado pelos alunos das duas terceiras séries.

GRÁFICO 13 Alunos que têm cesta básica em casa



*Fonte: Arquivo da professora Suzana a partir de material confeccionado pelos alunos das duas terceiras séries.

Na conclusão dos trabalhos foram feitos pesquisa documental sobre a “Cesta básica no Brasil” e seus componentes, conceitos, direitos do consumidor.

Segundo a professora Vanessa “ao longo destes estudos os saberes, os conhecimentos emergiam de suas práticas, da experiência dos alunos, da interlocução com a parceria da Unicamp, da relação entre os pares nos momentos coletivos”.

Ao final dos trabalhos, final do ano 2004, os alunos sabiam que deveriam apresentar o resultado da pesquisa para outros alunos da rede municipal e para o público de uma maneira geral, no ginásio da UNICAMP. Após muitas discussões entre professores e alunos, “escolhemos apresentar o trabalho em forma de história em quadrinhos através da elaboração de um gibi contando toda a trajetória da pesquisa realizada enfatizando o aspecto lúdico”.

FIGURA 17 ETMÁTICO



*Fonte: Arquivo da professora Vanessa a partir de material confeccionado pelos alunos das duas terceiras séries.

UM VISITANTE INESPERADO

STANISCO É UM SER DO PLANETA MARTE QUE RECEBEU UMA IMPORTANTE MISSÃO: DESCOBRIR O QUE É PESQUISA E COMO OS TERRÁQUEOS APRENDEM ISSO.

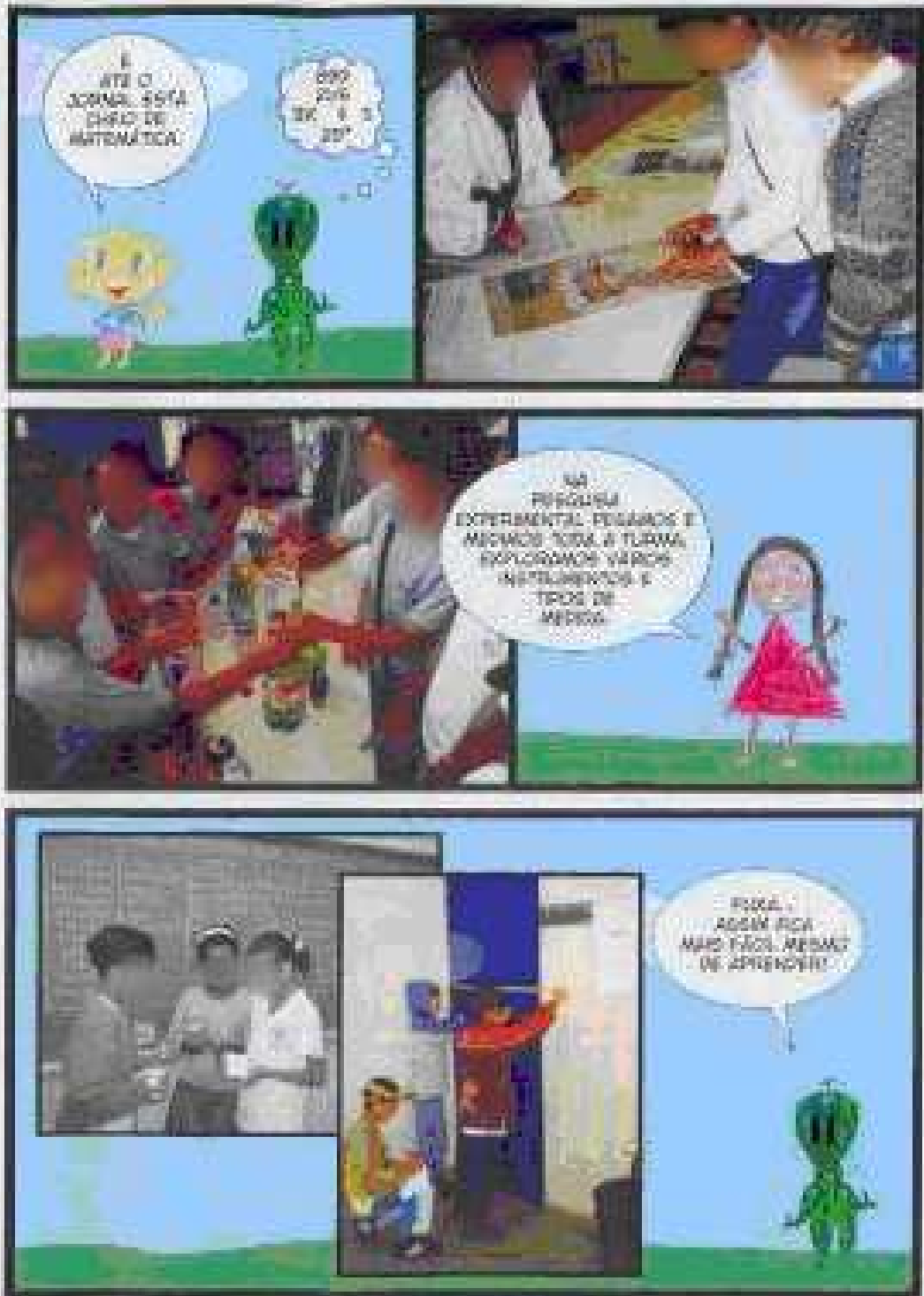


Cont.



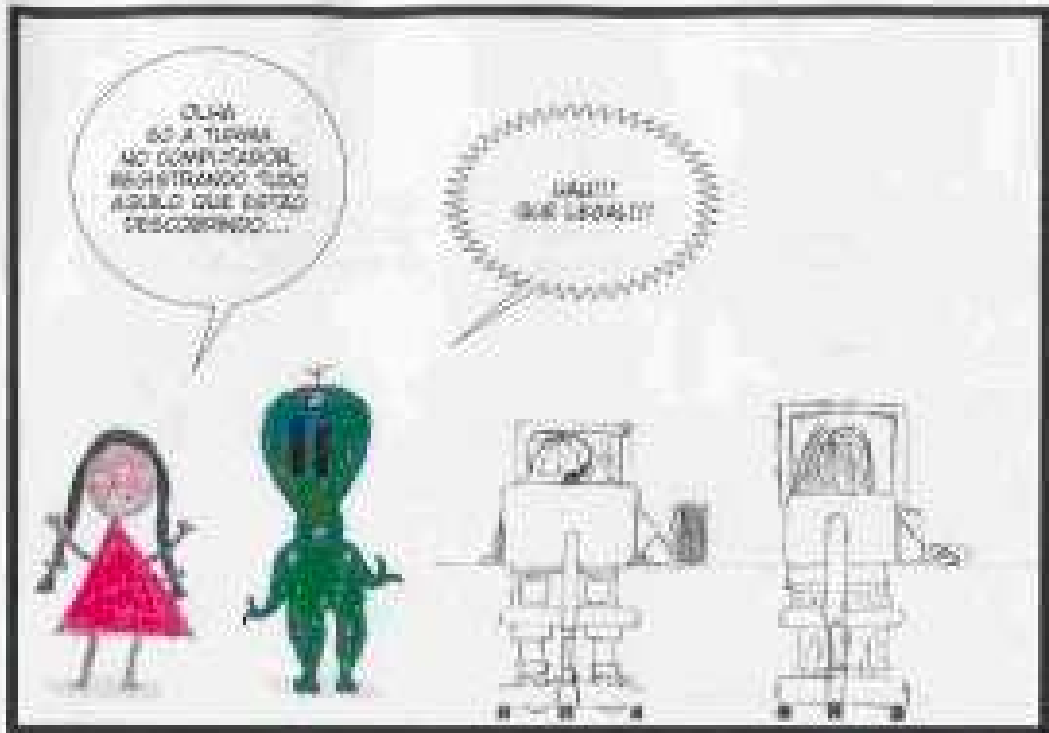


Cont.



cont.





A professora Vanessa ressalta que:

“Os trabalhos foram apresentados pelos alunos através de explicações de “como” foi feita a pesquisa e brincavam com os frequentadores do stand no IV Seminário e Feira Científica do Projeto Ciência na Escola (2004). O material era interativo, pois o objetivo era mostrar que a matemática está vinculada com ao nosso cotidiano através de jogos e atividades. Foi um stand interativo e os alunos liam a história do trabalho de pesquisa para os visitantes e entregavam o gibi. Foi muito gratificante porque os professores de outras escolas queriam saber como o trabalho tinha sido desenvolvido e teve também a participação de outras escolas e os alunos ficaram conhecendo os trabalhos de outras unidades escolares”.

Em relação à contribuição da pesquisa na aprendizagem dos alunos, a professora nos contou que:

“... do estágio, do nível de aprendizagem que os alunos se encontravam, cresceram muito. Mesmo estando na 3ª série, os alunos precisavam muito do concreto, e através da pesquisa os alunos se apropriaram dos conhecimentos matemáticos, não criaram conhecimentos novos, porém acredito que é uma vertente da pesquisa e ressalta a importância da pesquisa para a vida do aluno”. (professora Vanessa).

Sobre as condições para fazer pesquisa a professora ressalta que:

“Eu acredito que para realizar pesquisa é importante ter certa estrutura. No Projeto “Ciência na Escola” tínhamos todas as condições para realizar pesquisa. Não digo 12 horas, mas 3 horas de trabalho de pesquisa, subdividida em uma hora de estudo, de teoria, uma hora de campo, uma hora para organizar o material. Não que a falta de estrutura inviabilize a pesquisa, mas é necessário muito esforço”.

Sobre a participação no projeto “Ciência na Escola – Primeiros Passos” a professora acredita que contribuiu muito para estimular e desenvolver a curiosidade dos alunos, despertar a iniciativa e o contato com a comunidade através de entrevistas, as pesquisas de campo propiciaram a vivência em diferentes situações do cotidiano resultaram numa aprendizagem mais significativa.

Assim, a nossa entrevista continuava, um assunto após outro. A professora Vanessa contou sobre o curso de Magistério e que naquela época, já era um pouco crítica:

“[...] algumas aulas não tinham sentido para mim, eu fugia para a aula de literatura do Colegial, na sala da minha prima, eu ficava encantada com as aulas! A professora falava de coisas que eu nunca tinha ouvido, não tinha nem noção do que se tratava, falava do mundo! A professora ensinava língua portuguesa através das músicas do Chico Buarque”.

A professora contou que ficou um bimestre assistindo essas maravilhosas aulas até que a descobriram e teve que voltar para as aulas monótonas... terminou o Magistério e prestou concurso para professora na Rede Municipal de Campinas, e foi percebendo que sua formação não era suficiente para exercer a profissão. Foi cursar Jornalismo.

Em relação ao curso de jornalismo na sua formação, a professora Vanessa ressalta que: “me ajudou muito como professora, foi a grande bagagem que eu tive, porque no curso tinha pesquisa, a busca pela informação, aprender a ler entre linhas, e isso acaba refletindo no meu trabalho de sala de aula”.

Depois de alguns anos foi cursar Pedagogia: “a faculdade desenvolvia um trabalho isolado de outros cursos, não havia contato com outras áreas”.

“Inesquecível era o diálogo com alguns professores do curso, de altíssimo nível”, salienta a professora Vanessa.

Na seqüência, começou a contar que este ano, 2008, ela utiliza o jornal em sala de aula como fonte de pesquisa, vale ressaltar que esta escola não tinha assinatura de nenhum jornal:

“... fazer pesquisa requer muito trabalho, não é só trazer o jornal e falar que está fazendo pesquisa. Utilizar essa metodologia na sala de aula requer clareza do objetivo, tempo, estudos, porque pesquisa não é só coletar dados, portanto não dá para pedir para o professor fazer pesquisa fora do horário de trabalho dele. O professor tem que ter esse horário para se preparar, como nós tínhamos quando participávamos do projeto “Ciência na Escola – Primeiros Passos”: tínhamos palestras, textos para leitura, discussão em grupo, tempo para fazer resenhas, a importância da parceria da Universidade e escola pública, tempo para preparar o material, tempo para estudo do meio, estrutura financeira e ganhos financeiros”.

A professora Vanessa complementa que: “apesar de toda a estrutura para realizar pesquisa, a falta de um trabalho coletivo na Unidade Escolar, não estimulou o trabalho com a pesquisa nos moldes que fazíamos”.

A participação da professora Vanessa e da professora Susana no Projeto “Ciência na Escola – Primeiros Passos” foi durante o ano de 2004.

4.3 A Tribuna: mais um espaço para a voz do aluno na sala de aula

“Não me lembro exatamente como o nome “tribuna” surgiu, mas a palavra saiu do grupo durante uma das aulas. Achei interessante usá-lo para o trabalho em sala de aula, um espaço para dar “vez” e “voz” para os alunos”, disse a professora Vanessa.

De acordo com a professora, nos anos anteriores (2006 e 2007), quando os alunos estavam no primeiro ano, o trabalho era planejado para a roda da conversa, feito no início e no final da aula, com a elaboração da pauta do dia e a avaliação no final dos trabalhos. No segundo ano, o trabalho era feito em roda,

porém os assuntos eram mais abrangentes, os alunos diziam o que sentiam, expunham fatos relevantes acontecidos com eles, este trabalho tinha como objetivo fortalecer a oralidade, dar seqüência linear dos fatos, desinibir aqueles alunos mais tímidos, entre outros.

De acordo com a professora Vanessa, a proposta de trabalho no terceiro ano era ainda mais abrangente. Os alunos traziam assuntos da vida, da cidade e do mundo que achavam pertinentes discutir com o grupo e tinham que tentar formar uma opinião do assunto com o objetivo de desenvolver no aluno a importância da pesquisa, da argumentação, do aprender com o outro.

“A tribuna é um espaço que o aluno tem para falar e ser ouvido, não há obrigatoriedade, é lúdico, é um ensaio, primeiro o aluno conta o assunto que lhe chamou atenção, argumenta e contra-argumenta”, disse a professora.

O aluno vai à frente, sobe na cadeira, normalmente na primeira hora do dia, não tem dia certo, acontece quando o aluno quer contar algum acontecimento ocorrido com ele ou que lhe chamou atenção. Os alunos da classe primeiro ouvem o relato do colega e em seguida argumentam. “Os alunos participam bastante durante esta atividade, se posicionam”, disse a professora Vanessa.

Pedimos aos alunos para contarem sobre a Tribuna. Destacamos alguns comentários:

“Quase todos os dias têm uma cadeira na sala de aula, um aluno ou uma aluna sobe na cadeira e começa a falar algum assunto. Isso se chama tribuna”.

“Quando a gente chega 7 horas, na sala de aula, a gente já vai para a tribuna contar sobre as tragédias, brigas, sobre horários políticos”.

“A tribuna é uma cadeira, mas para nós é um lugar onde a gente conta os fatos, se diverte e brinca”.

FIGURA 18 “Tribuna”



*Fonte: alunos da sala de aula do 3º ano, arquivo pessoal da pesquisadora.

De acordo com a professora, a “informalidade” da tribuna, aguçava a curiosidade dos alunos para buscar mais informações no dia seguinte, sempre algum aluno trazia uma pesquisa sobre o assunto e os assuntos abordados eram mencionados com frequência nas produções de textos, com isso o aluno desenvolvia a autonomia e não fazia trabalhos por notas.

“Quem hoje gostaria de vir para a tribuna”? (professora)

Aluna Majorie disse: “eu vi na TV Cultura que uma mulher colocou um piercing na orelha e inflamou e teve que ir ao médico durante três anos e na minha opinião ela tinha que ter pensado antes de colocar”.

Professora: “todos sabem o que é um piercing”?

Aluno: “As pessoas querem imitar por causa das novelas, como é novela, todo mundo faz igual”.

Aluna: Minha mãe tem piercing na barriga”.

Aluno: “eu vi no jornal que um homem tem piercing na boca”.

Aluno: “Na minha opinião, o uso do piercing depende da vaidade das pessoas”.

Aluno: “As pessoas colocam piercing só para imitar, sem pensar no risco”.

Aluno: “Eu não sou a favor de colocar piercing porque a minha mãe colocou um e sofreu um acidente de moto e o piercing rasgou a barriga dela”.

Aluna: “Vou pesquisar para saber qual é a idade mínima para se colocar piercing”.

Aluna: “A minha avó não autorizou a minha mãe mexer no corpo dela enquanto ela não tivesse 21 anos”.

Aluna: “Uma colega da minha irmã, com onze anos foi colocar piercing e o especialista não quis colocar, mas ela desobedeceu e foi na casa da colega dela e colocou”.

Dois alunos comentando ao mesmo tempo: “Apareceu na TV um homem com o corpo inteiro de piercing”.

Aluno: “Ele fez isso só para impressionar os outros”.

Aluna: “A minha irmã combinou com uma amiga de colocar piercing, mas a agulha não pegou o piercing porque o buraquinho era muito pequeno”.

Aluno: “Tem que trocar idéias com pessoas que tem piercing”.

Aluno: “Conversar com especialistas antes de colocar piercing para não se arrepender”.

Aluna: “Sou a favor desde que a higiene seja feita todos os dias”.

De acordo com a professora, a “informalidade” da tribuna, aguçava a curiosidade dos alunos para buscar mais informações no dia seguinte, sempre algum aluno trazia uma pesquisa sobre o assunto e os assuntos abordados eram mencionados com frequência nas produções de textos, com isso o aluno desenvolvia a autonomia e não fazia trabalhos por notas.

FIGURA 19 Tribuna: um espaço democrático



*Fonte: alunos da sala de aula do 3º ano, arquivo pessoal da pesquisadora.

A professora Vanessa pediu para os alunos produzirem um texto de lição de casa sobre um assunto que gostariam de contar na Tribuna. Os assuntos mais comentados foram os seguintes:

“Política”

“A alta dos preços”

“Desobediência”

“Perigo no trânsito”

“O desejo de contar para o outro que a mãe está na escola”

“A aluna que fez pesquisa para contar para a classe”

“Sobre o cerol porque já tinham feito um trabalho de pesquisa sobre o assunto e sentiam preparados para discutir na Tribuna”

“Por que as avós não são iguais?”

Apresentamos a seguir três textos produzidos pelos alunos após discussão na tribuna:

Texto da aluna Rosa: “O cerol”

“O que eu vou falar é da tragédia que está acontecendo por causa do uso do “cerol” Eu não entendo essas pessoas que usam “cerol”, parece que não têm olhos, vistas e sentimentos, não estão vendo o que está acontecendo, é criança, jovem, adulto e velinhos serem prejudicados, parece até que não tem noção de que a própria pessoa que usa “cerol” pode chegar a falecer, por isso é preciso tomar cuidado, porque ele é uma coisa proibida, e se você conhecer um parente, um amigo que usa, converse com ele porque o “cerol” é uma brincadeira perigosa e que pode levar um inocente a morte. Vocês concordam com isso? Já pensou usar “cerol” para cortar a pipa do outro? Gente, que mico e se eu fosse delegada não deixaria usar “cerol”.

Texto do Carlitos: “Minha mãe na escola”

“Um dia minha mãe entrou na primeira série. Ah! A diretora era colega dela e pediu para minha mãe fazer um teste para entrar na segunda série e ela passou. Sabe de uma coisa, ela aprendeu a ler, aprendeu matemática e passou de ano”.

Agora eu vou perguntar: quem da família de vocês se dedicou mais? Por quê? Sabe por que a minha mãe conseguiu, porque ela estudou muito”.

Texto da Stela: “Minha avó”

“A avó de vocês cata reciclagem? Por que sua avó não cata reciclagem e a minha cata? Por que as avós não são iguais? A minha avó não gosta disso, ela diz que essas papeladas só sujam o quintal da casa dela. A minha avó colocou uma placa de vende-se papéis, porque não dá cinco reais toda essa papelada junto!

Falou que quando não estiver mais passando dificuldades para comprar até gás, ela vai rasgar tudo isso!”

Durante as entrevistas a professora ressaltou que sempre parte da oralidade dos alunos para chegar ao texto escrito, e que o jornal acaba sendo uma alavanca, um dispositivo, para despertar e instigar a curiosidade dos alunos:

“Estou com esses alunos há 3 anos e desde cedo começaram a ser instigados para a pergunta, quando tinham 6 anos traziam uma caixa, com um objeto dentro, para os demais alunos adivinhar. Os alunos tinham que saber elaborar perguntas pertinentes para encontrar a resposta, descobrir o objeto; para tanto, sentávamos no meio da sala, e eu já mostrava “como fazer perguntas” porque eles não sabiam fazer perguntas, foram aprendendo a vez para falar, para ouvir. Hoje, por exemplo, eu faço essa mesma atividade por escrito, o aluno polemiza, escreve o que pensava ou o que pensa agora, e registra as suas idéias. Você percebe o crescimento no texto, com muita mais informação, mais argumentos sobre o problema levantado, o que já está fazendo para resolver e porque ainda não encontrou a solução”.

É importante lembrarmos que esta classe é de 3º ano e há predominância de alunos que já estudaram com esta professora (70%) no primeiro e segundo ano. Apenas 30% são novos. A professora salienta que: “eles estão se apropriando da metodologia da pesquisa, aprendendo a levantar hipóteses, definir o problema, o que fazer para buscar soluções, qual o caminho a ser percorrido e quem pode ajudar nessa busca”.

Para compreendermos como se dava a construção do conhecimento por esses alunos elaboramos um questionário com quatro questões abertas e, a pedido da professora da classe, esse questionário foi respondido pelos alunos em forma de uma carta para a pesquisadora com quatro parágrafos.

O primeiro parágrafo do questionário contou com uma parte inicial dedicada a informações gerais sobre o aluno (quem é o aluno nesta escola); no 2º parágrafo, o aluno contava sobre suas características pessoais (como ele é); no 3º parágrafo o aluno contava como aprendia e, no 4º parágrafo, o aluno contava sobre a “Tribuna”. Por último, escrevia uma despedida.

A aplicação dos questionários se deu durante os horários de aula, com a autorização prévia da professora responsável pela classe.

Os alunos levaram em média 30 minutos para responder a todas as questões. A fim de assegurar a devolução dos questionários respondidos e de esclarecer quaisquer dúvidas, a aplicação foi sempre acompanhada pela pesquisadora, que permaneceu com a classe durante a realização da coleta.

4.4 Perfil dos alunos

Os dados fornecidos no questionário, relativos às características gerais dos alunos, permitiram configurar um perfil dos respondentes da presente pesquisa. Por serem informações predominantemente estatísticas, apresentamos nessa parte apenas os dados mais relevantes para a análise.

A distribuição dos alunos quanto à idade é pouco variada, portanto podemos concluir que a grande maioria dos alunos tem 9 anos (70%) e que 30% tem 8 anos, são os alunos que entraram com 6 anos de idade no primeiro ano do Ciclo I.

A palavra autonomia é muito presente nos trabalhos dos alunos. As falas a seguir são exemplos dessa compreensão:

“... Eu sou curiosa, esperta e autônoma, porque resolvo o que eu posso fazer sozinha.”

“... Eu sou autônomo, me viro, resolvo os problemas, vejo se tudo está em ordem e se os meus lápis estão dentro da bolsa”.

“... Também tenho autonomia, porque todos os problemas que acontecem eu resolvo sozinha, nem todos! Porque têm alguns que eu posso e outros não posso”.

“... eu vou muito mal em português, mas em matemática eu tento resolver tudo primeiro sozinha, eu me esforço, às vezes não consigo e peço ajuda para os meus amigos e para a professora”.

Quanto às maneiras de aprender, podemos, resumidamente, descrevê-las como se segue: grande parte dos alunos aprendem com a professora, com a ajuda da família, ou com a vida, ou ainda pesquisando, lendo na biblioteca:

“Eu aprendo reescrevendo os textos, às vezes eu volto de novo com a professora para fazer de novo, às vezes é só algumas palavras erradas”.

“Eu aprendo muito com a tribuna e com a vida”.

“Eu aprendo ouvindo histórias, lendo os livros da biblioteca na classe, com notícias de jornal que a professora traz, eu também aprendo no meu dia-a-dia”.

“Aprendo estudando, pesquisando, brincando e lendo com a professora”.

“Aprendo lendo, escrevendo, observando, brincando, assistindo TV e com meus amigos na tribuna”.

“Eu aprendo muito com a tribuna e com a vida”.

Da questão sobre a “Tribuna”, cujo intuito era perceber como os alunos viam esta estratégia de ensino, destacamos as seguintes citações:

“Eu gosto de ir para a Tribuna porque eu tiro muitas idéias para a hora que eu vou escrever, aí eu faço certo e bonito”.

“Quando a gente chega 7 horas, na sala de aula, a gente já vai para a tribuna contar sobre as tragédias, brigas, sobre horários políticos”.

“Tribuna é reportagem, inteligência, leitura, tudo isso é tribuna”.

“Ter opinião é muito importante porque a gente discute, ouve a opinião dos outros e também aprende. Na minha sala de aula tem a tribuna onde a gente descobre coisas novas”.

Tomando por base as citações dos alunos sobre a “Tribuna”, percebemos que palavra “pesquisa” ainda não é visível para os alunos, como também a internet ou biblioteca, porém nota-se que o processo de aprendizagem acontece nas condições que eles têm, como exemplo, aprender com o outro, como neste caso, que a professora Vanessa relata: “O Júnior foi chamado ao Conselho Tutelar por ter um grande número de faltas e ao ser questionado porque faltava tanto na escola, o aluno respondeu que não faltaria mais porque aprendeu com a professora da classe, o sentido da palavra autonomia”.

Segundo a professora, “quando um aluno comenta fora do espaço escolar, ao juiz do Conselho Tutelar que ele tem autonomia, é porque ele aprendeu o significado da palavra”. E complementa: “ele pode até estar reproduzindo essa palavra, mas ele estava na sala e ouviu, portanto algum significado essa palavra

fez para ele senão ele descartaria, se ficou é porque alguma referência ele teve para isso”.

A professora acredita que “o espaço da Tribuna possibilita aos alunos terem “voz”, não como uma coisa obrigatória, mas se o aluno quiser utilizar este espaço, ele será bem aceito”.

“O efeito deste trabalho está surgindo na escrita do aluno porque a produção é sobre o assunto que ele quer falar ou sobre o assunto que o amigo falou na tribuna. O aluno não está dizendo que fazer a tribuna é legal porque eu falo o que eu quero, mas porque aprendeu sobre determinado assunto e está começando a fazer relações”, disse a professora Vanessa.

Para ilustrar, a professora contou que “durante as discussões sobre “cerol” um aluno disse que brigou em casa porque o irmão mais velho fazia uso do cerol e contou também que o filho ajudou o pai na argumentação com o filho mais velho”.

De acordo com a professora:

“É muito diferente quando o aluno escreve: “eu faço pesquisa, eu pesquiso sobre isso” e não aparece no texto o que ele aprendeu com a pesquisa; o aluno somente aponta que foi bom fazer essa pesquisa, eu fiz assim, assim, assim... mas, cadê o resultado? Qual foi o conhecimento que ele se apropriou ao fazer a pesquisa”?

Quanto às dificuldades encontradas para desenvolver a pesquisa a professora ressalta que:

“Falar em pesquisa hoje é remar contra a maré, é andar na contramão, porque eu arrisco dizer, não é nem questão de estratégia metodológica, de políticas públicas do município, mas sim de políticas públicas nacional. Os estudos mostram que quase todas as crianças estão dentro da escola, mas e a qualidade? A solução encontrada pelo poder público foi colocar o professor “frente a frente” ao aluno e ensinar a ler, escrever e a fazer contas, e se dessa forma, depois de quatro horas de escolarização ele não aprender, ele fará reforço”!

Concordamos com a visão da professora Vanessa que para melhorar a qualidade do ensino, é necessário, “além da metodologia utilizada para a construção do conhecimento é necessário também fortalecimento do trabalho coletivo e investimento no professor”. E complementa:

“A sociedade que queremos construir, formar, não é essa segundo uma visão mercadológica, uma sociedade individualista, onde só vale o resultado final, alguém que somente produza com “eficiência” e “eficácia”. É preciso educar o aluno para pensar, opinar, articular, argumentar, construir um texto inferindo as informações adquiridas no cotidiano para que pense em transformar essa sociedade.”

“Alguns corajosos e meio loucos vão se arriscar e vão fazer, errando e acertando e de repente sai um bom trabalho de pesquisa”, disse a professora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando a discussão dos resultados deste trabalho se impôs, tivemos que superar a perplexidade inicial instalada diante do enorme conjunto de fatores imbricados nos dados até então descritos. Por onde começar? O que selecionar para a discussão quando tudo parecia ser tão relevante?

Foi buscando na literatura voltada para o campo de trabalho do professor da escola básica que tudo começou. Ponto de partida, ponto de chegada: chegada que se quer coerente com o propósito político de ajudar a educação avançar por trilhas transformadoras da realidade, ainda que consciente de suas tantas limitações, chegada que se sabe provisória porque inserida no processo dialético da *práxis* humana.

O objetivo traçado para este trabalho vincula-se ao “o que fazer” para que contribua para a Educação, melhor dizendo, para uma Educação emancipadora dos homens e crítica da realidade.

Revisamos autores que nas últimas décadas vêm se destacando na discussão acadêmica numa perspectiva de valorização da pesquisa e de estímulos ao seu desenvolvimento entre as atividades do professor da educação básica.

Do panorama internacional, revisitamos Zeichner (1998), Stenhouse (1975), Elliot (1989), Schön (1992), juntamente com outros autores que têm valorizado cada vez mais a perspectiva da pesquisa na formação e na atuação do professor.

Destacamos em nosso trabalho Giroux (1997), que defende o papel dos professores como intelectuais públicos e transformadores que devem “exercer ativamente a responsabilidade de propor questões sérias a respeito do que eles próprios ensinam, sobre a forma como devem ensiná-lo e sobre os objetivos gerais que perseguem”.

Continuava, entretanto, bastante obscura a questão que tínhamos como propósito verificar: se os professores da educação básica incorporam a pesquisa em seu trabalho cotidiano, e como a incorporam, porém não no sentido de auto-formação, mas no trabalho com o aluno, ou seja, a pesquisa enquanto princípio educativo.

Revisitamos a literatura nacional (Lüdke e André (1986), constatamos que tem crescido e ocupado cada vez mais espaço na literatura a preocupação com a pesquisa do professor da escola básica, no sentido de uma possível articulação entre pesquisa e ensino no trabalho do professor.

Interessados em revelar a pesquisa dos docentes da escola básica fomos a campo, aplicamos um questionário, ainda em sua versão piloto, a um grupo de 47 alunos e dois professores. A fim de testar a melhor abordagem dos alunos, foram feitos dois modelos de questionário.

Como parte fundamental de nossa investigação, procuramos sondar qual o conceito de pesquisa predominante entre professores e alunos da educação básica, as atividades realizadas sob esta denominação pelos professores com seus alunos e quais os recursos disponíveis nas escolas para a realização de pesquisas.

Nesta primeira abordagem pudemos constatar o equívoco ao aproximar a idéia de pesquisa da realização de uma “tarefa escolar”. Observamos que os professores passam aos alunos, ao longo do ano letivo, um número muito grande de temas para que estes procurem em casa, consultem livros, revistas ou mesmo a internet, e entreguem o resultado desta consulta para nota. Em muitos casos, observamos que a tarefa dos alunos resumia-se a copiar algo e entregar aos professores, sem uma maior reflexão sobre o trabalho realizado. As atividades contavam pontos para nota, a avaliação era feita com base em critérios estéticos (se o trabalho estava bem encadernado, bem desenhado, limpo) e, após entregues ao professor, alguns trabalhos eram simplesmente guardados no armário, outros pendurados na parede.

Para a realização desses trabalhos, a principal fonte de pesquisa citada pelos alunos foi a internet, seguida de biblioteca, jornal e livros. Não estamos com

isso, descartando o potencial destas fontes de informação. Porém, merece destaque a maneira como elas eram utilizadas para “pesquisa”, sem critérios de seleção de conteúdo, sem reflexão sobre o que era encontrado, ou mesmo uma discussão mais aprofundada em relação, por exemplo, as divergências encontradas nos dados de um site ou outro.

Os dados nos mostraram, ainda, que estes trabalhos realizados pelos alunos são “descontínuos”, ou seja, não são retomados ao longo do ano. Após sua entrega ao professor, a tarefa é finalizada. Nem mesmo a reescrita dos textos é uma atividade comum nestes casos. Assim, não apresentam características de um trabalho de pesquisa como princípio educativo, no qual a temática em foco é recuperada a todo momento, havendo continuidade, seqüência e integração do trabalho realizado com outros futuros. Muitas vezes, o resultado de um trabalho, promove a necessidade de aprofundamento, e, assim, professores e alunos vão trabalhando no sentido de construção do conhecimento.

Cabe ao professor, nesses casos, buscar dentro das temáticas focadas, a relação com os conteúdos esperados para cada série ou ciclo.

Como já salientado, o encontro de uma situação em que a pesquisa não era utilizada na escola dentro de sua concepção como princípio educativo, levou-nos à busca de uma experiência que demonstrasse a possibilidade dessa efetivação.

Na segunda parte da nossa pesquisa a qual denominamos “*uma experiência emblemática*”, professoras *movidas* pelas necessidades locais, necessidades de tornar o pedagógico mais político e o político mais pedagógico, utilizaram formas de pedagogia de natureza emancipadora, tornando o conhecimento problemático através das experiências vividas num bairro que viveu conflitos entre residentes do local há longo tempo e moradores oriundos de um assentamento.

Essas professoras se desafiaram e desafiaram os alunos para transformar o cotidiano em objeto de investigação e pesquisa, estimulando-os ao questionamento, à investigação, ao levantamento de hipóteses em uma

abordagem crítica, contextualizada, favorecendo uma cultura de pesquisa com alunos das terceiras séries.

No intuito de responder aos três objetivos específicos propostos no início de nosso trabalho, observamos, em primeiro lugar, a importância da concepção de pesquisa – e do papel da educação – de cada professor. Destacamos, ainda, a importância do compromisso de cada educador com essa concepção. Para Tancredi (1998 apud Nardi, Bastos e Diniz, 2004 p. 205), todas as propostas poderão se tornar ineficazes se os professores não estiverem predispostos à mudança, o que é conseguido através da oportunidade de o docente perceber a necessidade e a importância de mudar.

Constatamos a importância da contextualização do conhecimento, do professor buscar a articulação do que é ensinado com a vida real, o entendimento e prazer dos alunos como consequência, transparecendo nas falas das professoras ao citarem as pesquisas tanto na rodoviária como na ferroviária.

Embora não tenhamos uma resposta específica das professoras dizendo qual o conceito que têm de pesquisa, as atividades que vêm realizando em sua prática cotidiana nos permitem depreender que a entendem de modo próximo ao sentido por nós buscado de pesquisa como princípio educativo.

Na pesquisa coordenada por Lüdke (2001), sobre a prática da pesquisa de professores da educação básica, a questão do espaço físico foi bastante salientada pelos professores entrevistados, como um dos fatores importantes para a atividade de pesquisa na escola básica. Uma infra-estrutura adequada, que garantisse desde o espaço para reuniões entre os professores até laboratório ou sala ambiente, foi apontada como condição que favoreceria significativamente o trabalho de pesquisa.

Em nosso trabalho, constatamos que a precariedade na infra-estrutura não foi um elemento imobilizador para fazer pesquisa. A falta de recursos, por exemplo, para as visitas à rodoviária ou aeroporto, foi resolvida pelas professoras por meio de recursos financeiros próprios e através de organização de bazares cuja verba era utilizada também para revelação de fotos tiradas nos estudos do meio para posterior análise e discussão em sala de aula. É importante atentar,

também, que esta escola pesquisada não oferecia nenhuma condição, tanto financeira como estrutural, para que professores desenvolvessem projetos de ensino e pesquisa juntamente com os alunos, como ressaltamos anteriormente, algumas salas de aula se encontravam em condições tão precárias de uso que professores, alunos e comunidade se mobilizaram em busca de soluções junto ao poder público.

A professora Vanessa ressalta as dificuldades encontradas para se realizar a pesquisa:

“Falar em pesquisa hoje é remar contra a maré, é andar na contramão, porque eu arrisco dizer, não é nem questão de estratégia metodológica, de políticas públicas do município, mas sim de política pública nacional. Os estudos mostram que quase todas as crianças estão dentro da escola, mas e a qualidade? A solução encontrada pelo poder público foi colocar o professor sentado com o aluno “frente a frente” ensinando a ler, escrever e fazer contas, e se dessa forma, depois de quatro horas de escolarização ele não aprender, ele fará reforço”!

No entanto, foi possível observar que o momento de maior florescimento da pesquisa na escola foi quando, em parceria com a Unicamp, foi desenvolvido o projeto “Ciência na Escola – primeiros passos”. Durante este projeto, os professores tinham condições de preparar melhor suas aulas, por terem tempo disponível para isso, apoio dos docentes da universidade e acesso a recursos didáticos cedidos pela Unicamp.

Porém, as condições para a realização da pesquisa vão muito além da disponibilidade ou não de recursos materiais. Têm muito a ver com o contexto mais amplo no qual a escola se acha inserida.

Nesse sentido, um outro aspecto que constatamos foi o caráter político da prática pedagógica e o compromisso docente com as classes menos favorecidas, ressaltando-se a importância do professor enquanto sujeito na transformação da realidade social de seus alunos, valorizando a discussão sobre a função da

escola sob uma perspectiva social mais global. Nesse contexto têm grande impacto as idéias de Shön (1992), ressaltando o papel da reflexão na prática profissional.

A diversidade sócio-econômica e cultural da comunidade escolar refletiu no trabalho pedagógico da escola, e exigiu dos profissionais comprometimento político e pedagógico, percepção dos pontos problemáticos nas discussões das contradições existentes, um trabalho coletivo que repensasse valores e procedimentos, para que a escola fosse verdadeiramente democrática e competente na sua função, um espaço de transformação.

Por acreditarmos que esse caso se aproxima do pensamento de alguns autores citados neste trabalho, concordamos com Giroux (1997) quando ressalta a importância dos professores como “intelectuais transformadores”:

Para que a pedagogia crítica se torne realizável, é preciso dois elementos: entender as escolas como “esferas públicas democráticas”, ou seja, “considerar as escolas como locais democráticos dedicados a formas de fortalecer o self e o social.

Esta caracterização histórica e geográfica, bem como o compromisso de seus professores, sua compreensão de educação que fizeram com que a pesquisa se concretizasse como metodologia de aprendizagem. O que é confirmado pela professora Vanessa: “não é possível entender a opção pela pesquisa sem conhecer a história da escola”.

A partir dos dados coletados, pudemos concluir que a professora Vanessa desenvolveu uma postura investigativa e exploratória de trabalho docente com os alunos e que continuou após o término do Projeto “Ciência na Escola – Primeiros Passos” através do espaço aberto da Tribuna, um espaço aberto às vozes e aos sentidos dos alunos sobre o que fazem, pensam, vivem dentro e fora da escola.

Constatamos que esse é um indício de que a prática da professora Vanessa continua abrindo espaço às explorações, aos sentidos que os alunos estabelecem em relação ao mundo, à vida, às relações humanas, ao que estão

estudando. Concluímos que esta prática educativa estimulou o debate, o diálogo, a busca de informações, a argumentação, o que leva ao desenvolvimento da autonomia, como os próprios alunos expressam: “... *Eu sou autônomo, me viro, resolvo os problemas, vejo se tudo está em ordem e se os meus lápis estão dentro da bolsa*”.

Ao longo do trabalho realizado, pudemos observar que a concepção dos alunos sobre o que é fazer pesquisa está muito imbricada com a compreensão dos professores e, mais que isso, com as atividades que efetivamente realizam sob esta denominação.

Assim, pudemos constatar nessa experiência, que nomeamos de “*uma experiência emblemática*” que professores, mediante um problema, foram despertados para um ensino através da pesquisa, como um recurso de ensino e aprendizagem. Os professores, através do trabalho coletivo, foram construindo, garimpando instrumentos para o exercício de uma atividade criativa e crítica, com questionamentos e a indicação de soluções, abrindo frentes em “sintonia” com a comunidade.

Pudemos constatar a força da presença do trabalho coletivo nesta experiência na busca de soluções de problemas, tanto estruturais como de aprendizagem de alunos com grande defasagem de conteúdos propostos para a série em que se encontravam e através da pesquisa, o trabalho no dia-a-dia possibilitou minimizar os conflitos e ir ao encontro de novas possibilidades de convivência e re-construção do conhecimento produzido e sistematizado pela humanidade.

Os resultados apontam que é possível desenvolver na escola básica uma prática pedagógica que articule ensino e pesquisa, tornando esta última uma fonte catalizadora de desenvolvimento integral e intelectual dos alunos, bem como de integração entre escola e comunidade. Para tal, no entanto, é de fundamental importância que a escola, e o sistema educativo como um todo, ofereçam condições para que propostas como as analisadas no presente estudo possam ser efetivadas.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. Pesquisa, formação e prática docente. In: ANDRÉ, M. (org.) *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas: Papirus, 2001. p. 55-69.

BAGNO, M. *Pesquisa na escola: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1998.

BALZAN, N. C. Indissociabilidade: ensino-pesquisa como princípio metodológico. In: VEIGA, I. P. A, CASTANHO, M. E. (org). *Pedagogia universitária: a aula em foco*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BEE, H. *A criança em desenvolvimento*. Trad. Rosane Amador Pereira. 3. ed. SP: Harbra: Harper & Row do Brasil.

CADERNOS DE PESQUISA – Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa. V. 35, n. 125, 2005.

CASTANHO, M. E. O professor e os problemas educacionais atuais: teoria e perspectivas. In: ALMEIDA, M. (Org.). *Práticas educacionais e práticas pedagógicas: para além de mercadorização do conhecimento*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005.

CHARLOT, B. *Relação com o saber. Formação dos professores e globalização*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CUNHA, M. I. *O bom professor e sua prática*. Campinas, SP: Papirus, 1989.

DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

_____. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. São Paulo: Cortez, 1992.

ELLIOT, J. Educational theory and the professional learning of teachers: na overview. *Cambridge Journal of Education*, v. 19, n.1, p.81-100, 1989.

FAZENDA, I. (org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. & FAUNDEZ, A. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GARCIA, M. F. *A produção do conhecimento na escola pública por meio da pesquisa: o projeto "ciência na escola"*. Tese de Doutorado em Educação. UNICAMP. Campinas, 2002.

GERALDI, C.M.G.; FIORENTINI, D e PEREIRA, E.M. de A. (org.) *Cartografias do trabalho docente: professor(a)–pesquisador(a)*. Campinas: Mercado das Letras/ALB, 1998.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. SP: Atlas, 2002.

GIROUX, H. A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. *Atos impuros: a prática política dos estudos culturais*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LARROSA, J. *Pedagogia profana, danças, piruetas e mascaradas*. Autêntica, 1999.

LÖWY, M. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. 17 ed. SP: Cortez Editora, 2006.

LÜDKE, M. *O professor e a pesquisa*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2001.

_____. O professor, seu saber e sua pesquisa. *Educação e Sociedade*. Campinas, n. 74, p. 77-96, 2001.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MANACORDA, Mario Alighiero. *O princípio educativo em Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MARAFON, M. R. C. *Pedagogia crítica: uma metodologia na construção do conhecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MARLI, A. (org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas, SP: Papirus, 2001.

MARTINS, M. F. *Marx, Gramsci e o conhecimento: ruptura ou continuidade?* Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2008.

MARX, K. e ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *O manifesto comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MELLO, G. N. *Magistério de 1º GRAU: da competência técnica ao compromisso político*. São Paulo: autores Associados, 1982.

MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MIZUKAMI, M. G. N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.

NARDI, R., BASTOS, F. e DINIZ, R. E. S. (org.) *Pesquisas em ensino de ciências: contribuições para formação de professores*. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

PACHANE, G. G.; SCHULZ, A. *A perspectiva formativa e mediadora da pesquisa-ação na universidade: suas possíveis contribuições ao ensino, à pesquisa e a extensão*. In: Anais do Endipe. Recife: UFPE, 2006. p. 1-15.

_____. *A universidade vivida: a experiência universitária e sua contribuição ao desenvolvimento pessoal a partir da percepção do aluno*. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação – faculdade de Educação, Unicamp. Campinas.

SACRISTÁN, J.G. *O aluno como invenção*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. 4. ed. SP: Cortez, 2006.

SANTOMÉ, J. T. *Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

SAVIANI, D. *Escola e democracia*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

_____. *Pedagogia histórico-crítica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SCALCON, S. *À procura da unidade psipedagógica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SELLTIZ, W, C. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. v, 1, 2 e 3. São Paulo: EPU, 1987.

SHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (org.) *Os Professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SILVA, T. T. (org.). *Currículo, cultura e sociedade*. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

STENHOUSE, L. *An introduction to curriculum research and development*. Londres: Heinemann, 1975.

THIOLLENT, M. *Aspectos qualitativos da metodologia de pesquisa com objetivos de descrição, avaliação e reconstrução*. Cadernos de Pesquisa, n. 49 p. 45-50, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1984.

TRIVINÖS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

ZEICHNER, K. Refletindo com Zeichner: Um encontro orientado por preocupações políticas teóricas e epistemológicas. In: GERALDI, C.M.G.; FIORENTINI, D e PEREIRA, E.M. de A. (org.) *Cartografias do trabalho docente: professor(a)–pesquisador(a)*. Campinas: Mercado das Letras/ ALB, 1998.

ANEXOS

ANEXO I

**Questionário apresentado aos professores para levantamento dos dados
relativos à presente pesquisa**

ANEXO I**Questionário apresentado aos professores para levantamento dos dados relativos a presente pesquisa**

1. Idade:
2. Formação:
3. Tempo de serviço na área de educação:
4. Tempo que trabalha na escola:
5. Disciplina que leciona:
6. Quais atividades de pesquisa você vem realizando com seus alunos nesta escola?
7. Você tem recursos disponíveis na escola para realização destas atividades?
 sim não
- 7.1. Se sua resposta foi SIM, quais são esses recursos?
8. Você encontra dificuldades para realizar atividades de pesquisa com seus alunos?
 sim não
- 8.1. Por quê?

ANEXO II

**Questionário apresentado aos alunos para levantamento dos dados
relativos à presente pesquisa**

ANEXO II

**Questionário apresentado aos alunos para levantamento dos dados
relativos à presente pesquisa**

MODELO I

1. Que tipos de trabalhos de pesquisa você realiza na escola?

ANEXO III

**Questionário apresentado aos alunos para levantamento dos dados
relativos à presente pesquisa**

ANEXO III

**Questionário apresentado aos alunos para levantamento dos dados
relativos à presente pesquisa**

MODELO II

Dê exemplos de pesquisa que você realiza na escola:

ANEXO IV

Respostas das perguntas do questionário destinado às professoras.

ANEXO IV

Respostas das perguntas do questionário destinado às professoras.

Professoras	Idade	Formação	Tempo de serviço educação	Tempo de trabalho na escola	Disciplinas que leciona	
Prof. ^a 1	43	Psicopedagogia	13 anos	4 meses - CLT	Ling.Port., Hist. e Geo	
Prof. ^a 2	37	Pedagogia	19 anos	15 anos - efetiva	Polivalente	

6. Quais atividades de pesquisa você vem realizando com seus alunos nesta escola?

Professora 1	Professora 2
Pesquisas relacionadas ao conteúdo trabalhado em sala de aula	Em branco
Algumas a partir dos questionamentos da turma	
Outras propostas por mim	

7. Você tem recursos disponíveis na escola para realização destas atividades?

Professora 1	Sim
Professora 2	Sim

8. Quais são esses recursos?

Professora 1	Biblioteca Laboratório de informática Sala de multimeios
Professora 2	Biblioteca Sala de informática com acesso a internet

9. Você encontra dificuldades para realizar atividades de pesquisa com seus alunos?

Professora 1	Não
Professora 2	Sim

9.1 Por quê?

Professora 1: NÃO. Porque procuro organizar bem e orientar.

Professora 2. SIM .Muitas vezes o tempo é curto para atividades de pesquisa, e outros professores precisam usar aquele mesmo espaço que meus alunos. Também tem a questão de conteúdos que precisam ser trabalhados e que muitas vezes temos que nos apressar para dar conta dos mesmos e pesquisa é algo que demanda tempo.

ANEXO V

Coleta de dados – do Projeto Piloto – da Professora 1: Total de alunos pesquisados: 25

ANEXO V

Coleta de dados – do Projeto Piloto – da Professora 1: Total de alunos pesquisados: 25

Que tipos de trabalhos de pesquisa você realiza na escola?

Total de alunos pesquisados: **9 alunos**

Temas	Meios	Resultados	Observações dos alunos
Aquecimento global	Jornal Livros velhos	Professora guarda na pasta e depois cola na parede	
África			
Animais	Em dupla		
Como surgiu a vida na Terra	Computador-internet		
O Brasil atual	Estou fazendo		
Identidade			
Biocombustível	Internet – www.wikipedia.com.br Livros Jornal Ligando para parentes Revistas	Entregamos para a professora e colocamos no armário Atrás	
Como surgiu a vida na Terra			
Aquecimento global			
Os animais da África que estão sendo extintos. Petróleo é feito de que? Como começou vida na Terra. Identidade Biocombustível Brasil atual; Quanto habitantes têm no Brasil, São Paulo, Campinas	Internet Jornal Revista Livros velhos Livros de biblioteca Parentes Pais Irmãos		
Aquecimento global	Internet		
Ecologia	Livros		
Biocombustível	Biblioteca		

Identidade			
Metano			
Escravidão			
Dê exemplos de pesquisa que você realiza na escola:	Total de alunos pesquisados: 16		
Temas	Meios	Resultados	Observações dos alunos
Petróleo			
Quantos hab. têm no Brasil			
Aimberê	Cérebro		
Efeito estufa			
Aquecimento global	Internet www.wikipedia.com.br		Quando eu comecei a pesquisa comecei a aprender mais sobre o aquecimento.....
Como surgiu vida na Terra			
Como surgiu vida na Terra			A minha pesquisa foi um sucesso
Identidade			Foi legal
Quantas pessoas têm no Brasil			A prof. deu site esquisito, mas foi legal
Descobrimto do Brasil			
Quantos hab. têm o Brasil	Internet		
Estudo do meio: cana de açúcar, caldo, engenho	Comunidade Biblioteca Vídeo	Apresentamos para outras classes o problema e a solução do estudo feito	Professora Eliana
Vida na Terra	Internet Jornal Google Biblioteca Revista Livro da 8ª série Perguntas para o pai e mãe		

Vida na Terra	Internet – site: www.wikipedia.com.br	Prof. ^a colocou na parede	Pesquisa mais importante
Bicombustível	Internet		
Vida na Terra	Internet www.wikipedia.com.br		Mais importante
Biocombustível		Professora pôs o cartaz na parede	
Ciências: Biocombustível			
História: Como surgiu a vida na Terra	Internet- O meu pai que pesquisou para mim		
Geografia:	Umhas perguntas que a prof. ^a deu		Não lembro o nome das pesquisas das 3 ^a e 2 ^a séries
Português: Identidade			
África	Livros		1 ^a série
Maquete	Computador, site: www.wikipedia.com.br		3 ^a série
Identidade	Fizemos até desenho		4 ^a série
O descobrimento da vida na Terra			
Biodiesel	Internet		
Aquecimento global	Internet		
A vida na Terra	Internet		
Identidade	Internet		
Atual número de hab.	Internet		
Geografia	Internet		
Estados e capitais	Internet		
Aquecimento global	Internet		
A vida na Terra	Internet	Colamos na parede da classe	
Biodiesel	Internet		
Petróleo	Internet		
Identidade			
Atual n.º de hab.	Internet		
Estados e capitais	Internet		
Situação econômica	Internet		
Como surgiu a vida na Terra	Internet		

Petróleo	Jornais Revistas		
Como é o trabalho	Acho que foi em revistas		1 ^a série
Matemática- conta			2 ^a série
Ciências - um problema	Internet		3 ^a série
Como surgiu a vida na Terra Aquecimento global			
Identidade	Internet Biblioteca Jornal Livros antigos		Aprendemos várias coisas muito importantes sobre a pesquisa e foi muito legal
Vida na Terra	Internet Livros da biblioteca		4 ^a série
Brasil	Internet		4 ^a série
Biocombustível	Internet		4 ^a série
Petróleo	Internet		4 ^a série
Animais da África	Internet		3 ^a série
Animais	Internet – meu ajudou fazer		3 ^a série
Como surgiu a vida na Terra	Internet		4 ^a série
Combustível	Internet		
Brasil atual	Internet		
Dia Internacional da mulher	Jornais Internet		
Como surgiu a vida na Terra	Livros Internet		
Combustível, biocombustível	Internet		
Identidade	Sala de aula		
Petróleo	Internet		
Vegetais e alimentos	Sala de aula		
Animais	Zoológico		
Animais da África	Internet		
Índios	Sala de aula		
Naus e caravelas dos portugueses	Sala de aula		
Brasil atual	Internet		

	Atlas		
Aquecimento global	Internet		
Como surgiu a vida na Terra	Internet		
Petróleo			
Aquecimento global			
Meio ambiente			
Diesel combustível			
Aquecimento global			
Petróleo			
Identidade	Internet Biblioteca Professoras que tiraram as minhas dúvidas		
Combustível	Livros Meus pais	Professora pôs na pasta	
Como surgiu a vida na Terra	Biblioteca Desenho sobre a pesquisa	O que escrevi ficou com a professora	
Identidade	Mãe	No caderno	
Combustível-bicombustível	Internet		
Como surgiu a vida na Terra	Revistas Jornal		
Animais			
Situações econômicas			
Estados e capitais; área geográfica e localização Número de habitantes Petróleo			
Identidade	Recorte de jornais		
Como surgiu a vida na Terra	Biblioteca		
Identidade	Internet		
Quantas pessoas existem no Brasil			
Animais da África		Apresentamos para outras pessoas	Maquete

ANEXO VI

Coleta de dados – do Projeto Piloto – da Professora 2: Total de alunos pesquisados: 22

ANEXO VI

Coleta de dados – do Projeto Piloto – da Professora 2: Total de alunos pesquisados: 22

Que tipos de trabalhos de pesquisa você realiza na escola? 10 alunos pesquisados

Temas	Meios		Observação do aluno
História			
Museu do Ipiranga	Computador		
Cárie			
Passado			
Sobre a minha vida do passado			Foto para ilustrar
Índio	internet		
Muitas pesquisas na outra escola			Não me lembro de nenhuma
Índio			
Índios	computador		Foi muito legal
Natureza			
África	Internet		
Cárie	Computador		
Índios	Computador		
Pirâmides	Computador		
Cárie do dente	Internet		
Nossa vida			Foi muito legal
Índios			
Cáries	Computador		
Museu	Computador		
Pirâmides	Computador		
Carlos Gomes	computador		

Dê exemplos de pesquisa que você realiza na escola: 12 alunos pesquisados

Temas	Meios		Observações dos alunos
Índios	Internet		
Cáries	Internet		
Carlos Gomes	Internet		
Índios	Internet		
Brasil	Internet		
Dentes	Internet		
Amazônia	Internet		
Índios	Informática		

Dentes	Informática		
Museus históricos	Informática		
Índios			
Carlos Gomes			
Índios			
Dente			
Dengue			
Amazônia			
Índios			
Cárie			
Minha história			
			Não me lembro porque pesquisamos muito pouco na 3ª série
Índios			
Carlos Gomes			
África			
Índios			
Carlos Gomes			
Cárie			
História do Colombo e Pedro Álvares Cabral			
Índios	Internet		
Cárie	Internet		
Carlos Gomes	Internet		
Índios	Internet		
Cárie	Internet		
Dengue	Internet		
Índios	Internet		
Carlos Gomes	Internet		
Índios	Internet		
Cárie	Internet		
Carlos Gomes	Internet		

ANEXO VII**Resultados dos dados coletados – Projeto Piloto**

ANEXO VII

Resultados dos dados coletados – Projeto Piloto

Dos 47 questionários respondidos, distribuídos entre 25 alunos pesquisados da professora 1 e 22 alunos da professora 2; foi possível constatar que dos alunos da professora 1, os temas destacados foram:

1. Aquecimento global
2. África
3. Animais
4. Como surgiu a vida na Terra?
5. O Brasil atual
6. Identidade
7. Biocombustível
8. Os animais da África que estão sendo extintos
9. Petróleo é feito de que?
10. Quantos habitantes têm no Brasil, em São Paulo e Campinas?
11. Ecologia
12. Metano
13. Escravidão
14. Aimberê
15. Efeito estufa
16. Biodiesel
17. Descobrimento do Brasil
18. Estudo do meio: cana de açúcar, caldo de cana e engenho
19. Estados e capitais: área geográfica e localização
20. Situação econômica
21. Como é o trabalho
22. Matemática: conta
23. Ciências: um problema
24. Combustível
25. Dia Internacional da Mulher
26. Vegetais e alimentos
27. Índios
28. Naus e caravelas dos portugueses

29. Meio ambiente

Dentre os 29 temas citados pelos alunos, destacaram-se:

TEMAS	Número de citações
Como surgiu a vida na Terra	18
Identidade,	12
Quantas pessoas têm no Brasil	9
Aquecimento global	8
Petróleo	8
Biocombustível	6
Animais da África	6
Combustível	4
Descobrimiento do Brasil	3
Biodiesel	3
Estados e capitais	2
Animais	2
Situação econômica	2
Demais temas	1

Os meios utilizados pelos alunos para realizar a pesquisa foram:

1. Jornal
2. Livros
3. Internet
4. Parentes
5. Revistas
6. Biblioteca
7. Pais
8. Irmãos
9. Cérebro
10. Víde
11. Sala de aula

- 12. Zoológico
- 13. Atlas
- 14. Professoras

Dentre os 14 meios utilizados, destacamos:

MEIOS	NÚMERO
Internet	48
Biblioteca	9
Jornal	8
Livros	7
Revistas	5
Sala de aula	4
Pais	3
Parentes	2
Vídeo	1
Atlas	1
Professoras	1
Cérebro	1
Irmãos	1
Zoológico	1

Os temas destacados pelos alunos da professora 2 foram:

- 1. Cáries
- 2. Índios
- 3. Carlos Gomes
- 4. Brasil
- 5. Amazônia
- 6. Dengue
- 7. Amazônia
- 8. Minha História
- 9. África

10. História do Colombo e Pedro Álvares Cabral

11. Pirâmides

12. Museu do Ipiranga

13. Sobre a minha vida no passado

14. Índios

15. Natureza

TEMAS	NÚMERO DE CITAÇÕES
Índios	17
Cáries	13
Carlos Gomes	8
Sobre a minha vida no passado	4
Museu do Ipiranga	3
Brasil	2
Pirâmides	2
Amazônia	2
Dengue	2
África	2
História	1
Natureza	1
Dente	1
História do Colombo e Pedro Álvares Cabral	1

ANEXO VIII

PARA RECORDAR: Relato de uma mãe que acredita na Educação e nos Educadores

ANEXO VIII

PARA RECORDAR: Relato de uma mãe que acredita na Educação e nos Educadores

Para Recordar

Relato de uma mãe que acredita na Educação e nos Educadores.

Nos anos 80 / 90 nossa escola e toda gramada e tínhamos um parquinho, tínhamos também ate duas salas de pré! Nossa escola era linda! Como e ate hoje e passou por diversas reformas.

No inicio dos anos 90 as coisas mudaram nossa comunidade aumentou e conseqüentemente o numero de alunos; e onde iríamos colocar tantos alunos? A direção contatou a prefeitura reivindicando a construção de algumas salas de aulas, pois as mesmas não conseguia comportar tantos alunos.

A prefeitura na maior boa vontade construiu – nos três salas de madeirites que seria provisório, esse provisório durou mais ou menos uns três anos a ponto de prejudicar alunos e professores, me recordo que era uma briga, nem alunos, nem professores queriam ocupar as dependências das salas de madeirites, devido ao estado deplorável que se encontravam, sem contar nas cobras, aranhas e escorpiões que encontrávamos no local o cheiro de mofo era terrível e a prefeitura para esconder o local não aparava o mato que crescia ao redor.

A direção constatou a prefeitura para que tomassem as devidas providencias a mesma alegou não ter verbas para a construção de novas salas e que deveriam nos contentar com os “ barracões ” (e como chamávamos as três salas).

Cont.

Meu filho na época estudava na 1º série e fazia tratamento, pois era muito alérgico e o tratamento não surtia resultado, pois ele estudava no barracão.

Fui falar com a direção que propôs mudar de sala, não aceitei, pois ele não era o único a ter problemas.

Num certo dia já cansado de ficar com os braços cruzados reuni-me com alguns professores entre eles

etc. Para que tomássemos algumas atitudes a partir desse momento foi fechada para nós (Pais e Professores) tínhamos que reunir – nos no salão da igreja católica para discutirmos que direção devíamos tomar, mas nem por isso desanimamos nossa força só aumentou, recordo - me da dedicação de todos os professores mas uma em especial que deixava sua filhinha com problemas de saúde para reunirmos

Fomos até a prefeitura do gabinete do secretário da educação em busca de uma solução, e nada aconteceu.

Alguns pais que participavam deste movimento fecharam a escola e não deixaram os alunos entrarem; Esse manifesto aconteceu por vários dias, até que eles entenderam que não estávamos para brincadeiras e resolveram atender nossa petição e para alegria de todos as trigêmeas foram finalmente construídas.

A coisa não parou por aí após alguns meses tivemos problemas com a piscina por falta de manutenção, passando ela a ser hospedeira do mosquito da dengue inclusive tivemos alguns casos sérios na unidade escolar.

Novamente contatamos os órgãos competentes e obtivemos a mesma resposta anterior a prefeitura não tem verbas para manter a piscina e a única solução seria aterra – lá infelizmente foi o que ocorreu; Nossa piscina realmente

Cont.

foi aterrada e com elas grandes momentos de lazer de nossas crianças.

Dos anos 90 para cá ouve muitos fatores históricos que nos marcaram, mais decidi citar esses dois fatos que contaram com a participação direta dos professores:

... me perdoam se não recorde – me o nome de todos.

Dedico este relato em homenagem a todos os professores que contribuíram em cada luta mostrando que com união tudo é possível, pois vivemos em um País em plena democracia, e não devemos cruzar os braços mediante situações que parece difíceis, mas estar sempre unidos em busca de um futuro melhor.

Guardo também uma lembrança de agradecimento a cada um dos pais que se esforçaram – se par que conseguíssemos alcançar todos os nossos objetivos ate o presente.